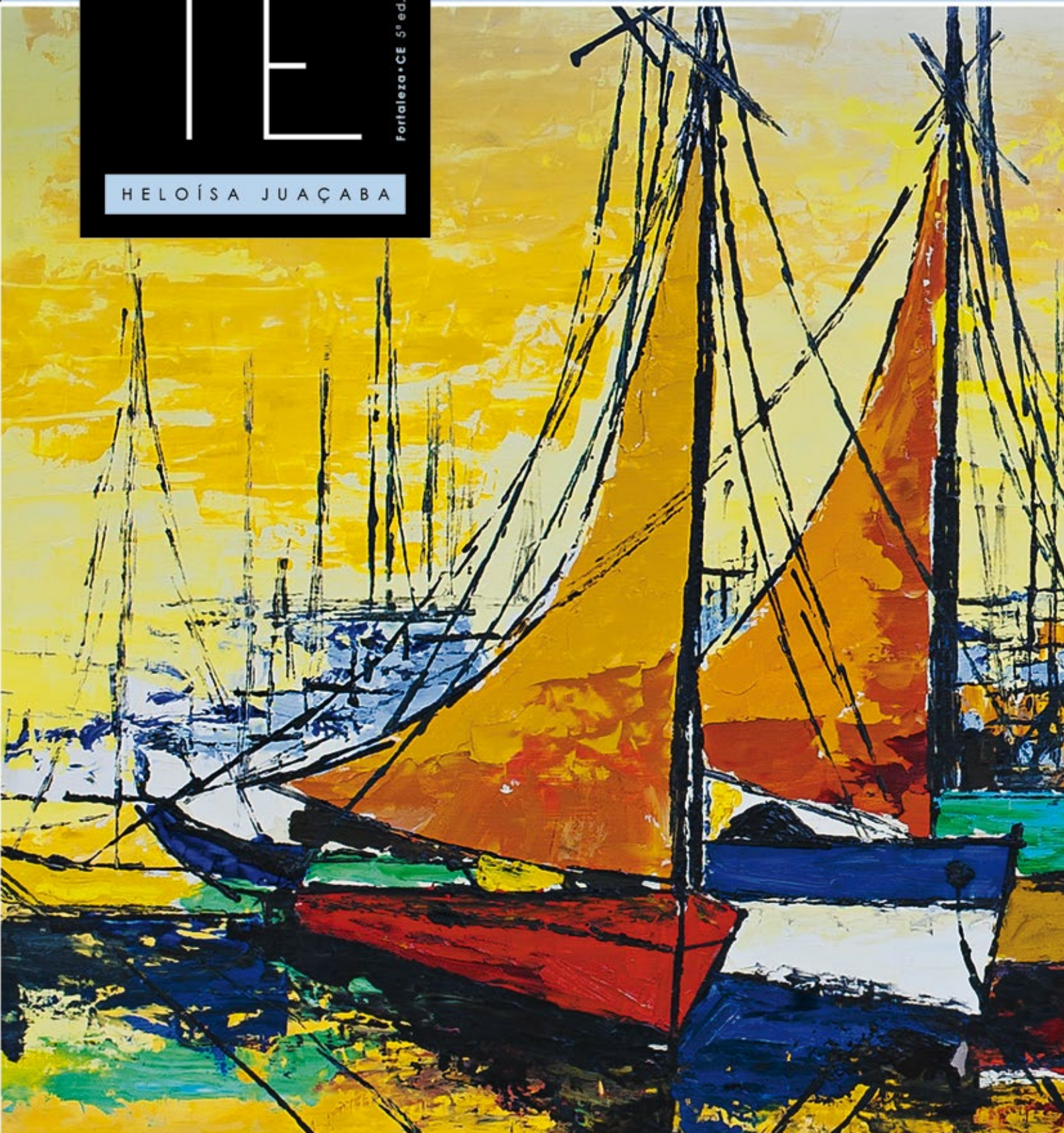


ARTE

Fortaleza • CE 5ª ed. julho/2019 • Trimestral

HELOÍSA JUAÇABA

PINTURA
ESCULTURA
FOTOGRAFIA
GRAVURA
TÉCNICAS MISTAS
OBRAS ARQUITETÔNICAS





B O N T E M P O

bontempo.com.br • [@bontempo_oficial](https://www.instagram.com/bontempo_oficial)

Av. Sen. Virgílio Távora, 637 • Fortaleza/CE • (85) 3266.0800



**VANDO
FIGUEIREDO**
ARTISTA PLÁSTICO

Sobre Ombros DE GIGANTES

□ cientista inglês Isaac Newton disse, certa vez, que suas realizações científicas só foram possíveis porque ele montou em ombros de gigantes. Foram os cientistas do passado que lhe legaram um conjunto de saberes da ciência, indispensáveis para sua formação. Tomo emprestado essa referência para dar forma a grata satisfação em apresentar a quinta edição da Revista Arte. Nesta nova tiragem, contamos com gigantes de todas as formas, cores e matizes: Heloísa Juacaba, Stenio Burgos, Zé Tarcísio, Lira Juraci, Vera Dessart, Beatriz Soares, Flux Joalheria, Leopoldo Kaswiner, Acidum Project e Erico Gondim. Ainda teremos artigos sobre Salão de Abril, exposição Novos Olhares para Monalisa e Bienal de Veneza, texto este assinado por Aldonso Palácio. Sem contar, é claro, com uma grata herança de gigantes que estiveram conosco nas edições anteriores. A arte soma, multiplica e dá frutos de todas as formas. É muito bom saber que é possível olhar cada vez mais longe. Nosso agradecimento especial ao Governo do Estado do Ceará, através da Secretaria de Turismo, pelo oportuno e visionário apoio. Agradecemos, ainda, a todos os nossos parceiros. Boa leitura.



Capa: Heloísa Juacaba
Sem título, 1973
48,5 x 120 cm / óleo sobre eucatex



Disponível também
em versão online



issuu.com/revistaarte

Revista Arte é uma publicação trimestral da BK Editora com curadoria de Vando Figueiredo / Fale com a redação: 85 3261.5066

ISSN 2525387-5

B/k
editora

bookmaker@bookmaker.com.br

EDITOR
Júnior Gomes

CURADORIA
Vando Figueiredo

CONSULTORIA DE ARTE
Ignês Fiúza

EXECUTIVA COMERCIAL
Líliá Quinderé

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mirtila Facó - MTb 2803/CE
COLABORADOR **Gabriel Jereissati**

DIRETOR DE ARTE
Cláudio Queiroz

EDIÇÃO DE IMAGENS
Carlos Rios

FOTO CAPA
Chico Gadelha

REVISÃO
Cláudio Neves

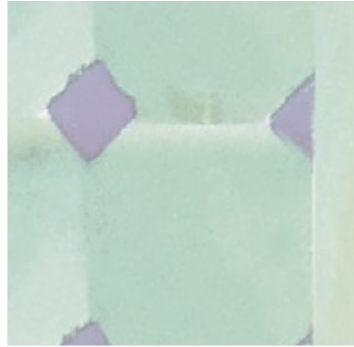
IMPRESSÃO
Unigráfica

OBRAS ARQUITETÔNICAS
TÉCNICAS MISTAS
GRAVURA
FOTOGRAFIA
ESCALA
PINTURA

FFR

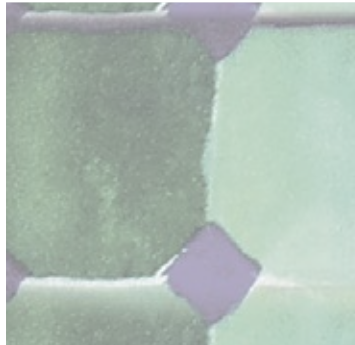
#6

BEATRIZ SOARES
O COTIDIANO VISTO
SOB NOVOS ÂNGULOS



#30

ACIDUM PROJECT
QUEBRANDO E
RECONSTRUINDO
(SEMPRE MELHOR!)
O PRÓPRIO ESTILO



#20

**NOVOS OLHARES
PARA MONA LISA**
COLECIONISMO E
DIFUSÃO ARTÍSTICA



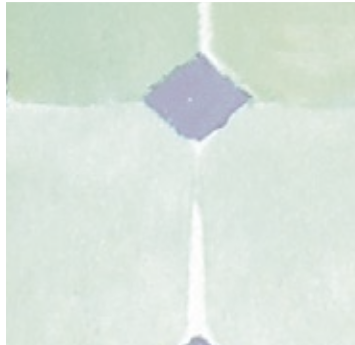
#10

FLUX JOALHERIA
SORORIDADE,
EMPODERAMENTO
E TRABALHO
ARTESANAL



#34

LIRA JURACI
COMPOSITORA,
ESCRITORA E
ARTISTA PLÁSTICA



#24

**HELOÍSA
JUAÇABA**
A ARTE COM A LUZ
E A VISUALIDADE
DO CEARÁ



#14

**LEOPOLDO
KASWINER**
A BELEZA, OS
ENSINAMENTOS
E A POESIA DA
VIDA SIMPLES



#38

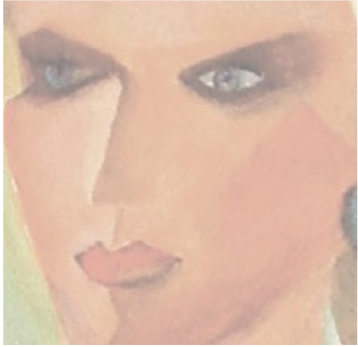
STENIO BURGOS
ARTE COM ELEMENTOS
TRADICIONAIS E
PERMEADA DE
SENSIBILIDADE



#50
VOLPI
 POR DETRÁS DAS
 BANDEIRINHAS



#42
**DA MADEIRA
 AO COURO**
 SETUR APOSTA NO
 ARTESANATO LOCAL
 PARA DIVULGAR O
 ESTADO NO BRASIL
 E NO MUNDO



#62
FORTALEZA
 O SALÃO DE ABRIL
 CHEGA À 70ª EDIÇÃO
 OCUPANDO DIVERSOS
 ESPAÇOS DA CAPITAL
 CEARENSE



#55
ÉRICO GONDIM
 DESIGNER QUE
 NÃO SE PRENDE A
 RÓTULOS

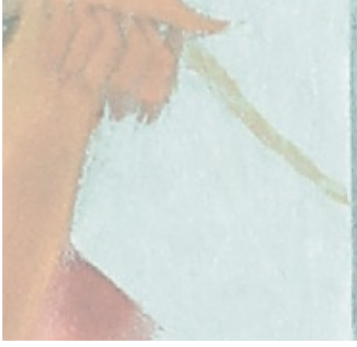


#70
QUAL A TUA OBRA?
**POMPEU
 VASCONCELOS**
 MEU ENCONTRO
 COM MONA LISA
 NO LOUVRE

#47
VERA DESSART
 CERÂMICA: A
 NATUREZA MUTÁVEL
 DO BARRO, DA ÁGUA
 E DO FOGO



#66
**BIENAL
 DE VENEZA**
ALDONSO PALÁCIO
 O FAZER ARTÍSTICO
 VISTO DE FORMA
 GLOBAL



#58
ZÉ TARCÍSIO
 ESPÍRITO LIVRE: ARTE,
 REPRESENTAÇÕES
 E SIGNIFICADOS



BEATRIZ SOARES

O COTIDIANO VISTO SOB NOVOS ÂNGULOS

“**A** inspiração existe, mas tem que te encontrar trabalhando”. A frase de Pablo Picasso é usada como mantra por Beatriz Soares, jovem artista em ascensão e estudante de Moda pela Universidade Federal do Ceará, de 18 anos. Interessada, desde cedo, por pintura, desenhos e cores, sua vocação ficou mais clara com o grande incentivo de seus pais. Com esse apoio, Beatriz, ainda pequena, tentava reproduzir os vestidos das princesas a que assistia nos filmes. Sua intensa procura por desafios é notada ao longo de toda a sua trajetória. A busca pela reprodução no papel daquilo que via ao redor era constante, e os aprendizados obtidos pelos seus pais foram de grande valia para seu viés artístico. “Meus pais sempre me mostraram a importância do contato com diferentes formas de expressão, fotografia, literatura, dança, música, pintura... Assim, visitas a museus, galerias,



BEATRIZ SOARES



O CONTORCIONISTA

ver determinados filmes, escutar e discutir música, história e filosofia fizeram e fazem parte da minha vida. Então, falar do meu caminho na arte, do que consigo me recordar, é falar do meu caminho na vida”, re- lembra a jovem. O desenho veio como consequência de sua tentativa de expressar o que sentia. Aos 8 anos, morou em Salamanca, na Espanha, o que contribuiu para ter um olhar diferente das coisas cotidianas, já que a arte estava inserida diariamente em seu ambiente escolar. A nova



REFLEXO

moradia também proporcionou ver de perto obras de renomados artistas como Gaudi, Picasso, Dalí, Velázquez, Goya, Sorolla e Miró. Esse contato fez a jovem entender que queria tocar as pessoas com sua própria linguagem. Com a bagagem teórica acumulada, o grande desafio da carreira de Beatriz veio em 2018, quando ela participou da “Cowparade”. Com mais de 97 edições realizadas em todo o mundo, o evento é uma das maiores exposições a céu aberto do planeta e tem como objeto artístico uma vaca em tamanho real de fibra de vidro, que é pintada pelos artistas selecionados de cada edição. Contradizendo seu estilo, com nuances surrealistas e abstracionistas, a artista decidiu pintar sua escultura em preto e branco, uma

“

MEUS PAIS SEMPRE
ME MOSTRARAM
A IMPORTÂNCIA
DO CONTATO
COM DIFERENTES
FORMAS DE
EXPRESSIONISMO

”



XILOCOW

interpretações pessoais que remetem às xilogravuras. Nascia, assim, a “Xilocow”. Após o trabalho na exposição beneficente, Beatriz teve a oportunidade de ver seu trabalho se associar à decoração de ambientes, pois dois de seus quadros seus foram expostos na CasaCor Ceará 2018. Aprendizado nunca é demais para a jovem, o empoderamento feminino virou tópico em suas obras, suas maiores inspirações são Frida Kahlo, pela maneira como demonstra força em suas obras, caracte-

rística que Bia tenta ao máximo transmitir em seu trabalho, e Iris Apfel, pela segurança que o ícone da moda teve desde cedo em vestir aquilo que representava seu interior. Com a força de Frida e a segurança de Iris, Beatriz Soares trabalha para ser a mais fiel possível aos seus sentimentos, qualquer que seja sua forma de expressão. Assim, a artista em ascensão quer, em 2019, focar no aperfeiçoamento de suas técnicas e possivelmente ter sua primeira exposição individual.

FLUX JOALHERIA

SORORIDADE,
EMPODERAMENTO
E TRABALHO
ARTESANAL



PEÇA OPOLO DESIGN

Em 2018, nasceu a FLUX Joalheria Contemporânea, com a participação de quatro nomes de peso e suas respectivas marcas: Bruna Bortolotti (Bortolotti), Carolina Figueirêdo (Carola), Eliana Alcântara (Eliana Alcântara Studio) e Jamylle Weyne (Opolo Design). Cada uma das integrantes com sua forma estilística e técnica únicas.

Nos designs de Bruna Bortolotti, podemos ver uma estilística que preza circunferências disformes, ganchos aparentes, acabamento não polido e ênfase nas texturas próprias do metal; sua manifestação artística tenta idealizar conceitos como permanência e simplicidade. Com foco no cotidiano, as joias de Carolina Figueirêdo representam os sentimentos do dia a dia, são joias feitas para serem sentidas e utilizadas em qualquer ambiente e por pessoas de qualquer faixa etária.



PEÇA
BORTOLOTTI

Já as joias de Eliana Alcântara são feitas com intenção de criar um vínculo com quem as escolhe, a fim de que a peça seja a extensão da personalidade e da expressão artística de quem as usa. Com o foco em eternizar suas joias como esculturas que enaltecem o corpo, Jamilyle Weyne, apresenta em suas joias designs puros, geométricos e atuais. A gravura em metal, utilizada para a reprodução de estampas, tem sua origem com ourives europeus no século XV, época em que é possível ver um destaque de artistas estudiosos da técnica. A arte e o metal vêm-se entrelaçando desde então. Hoje em dia é possível ver esse contato por meio das joalherias contemporâneas. Esse canal artístico é enaltecido por ter um alto grau de criatividade, inovação e renovação, utilizando metal, juntamente com as novas tecnologias sustentáveis. As joalherias contemporâneas são uma nova forma de se *fazer moda* e acrescentar expressões culturais ao cotidiano.



PEÇAS CAROLA



PEÇAS ELIANA ALCANTARA



No mercado atual, no qual tudo se copia, o foco desse trabalho é a garantia de um produto original e de qualidade. Nos tempos atuais, as mulheres são cada vez mais enaltecidas e empoderadas, entretanto, com o mercado de trabalho acirrado, *abraçar* a concorrência parece uma ideia fora do comum. As mulheres presentes na FLUX, enxergaram muito além disso. A torcida mútua veio de maneira natural, junto com a curiosidade técnica. O que começou apenas com “likes” e “follows” nas redes sociais tornou-se algo muito maior. Os sonhos foram trazidos à tona, as técnicas foram compartilhadas, dúvidas tiradas, abraços foram dados e apertos de mãos foram

finalizados. Até surgir a oportunidade de pôr em prática aquilo que era tanto compartilhado. Na CASACOR Ceara 2018, Carolina, Eliana, Bruna e Jamylle entraram oficialmente no mercado com seu projeto. Essa união é a exteriorização da sororidade, em conjunto com a ambição de conquistar o público com obras de artes que são carregadas pelo corpo. A visão de longo alcance nunca faltou às integrantes, juntamente com a segurança de um trabalho bem feito. Para as donas da FLUX, sua joalheria é sua grande tela. “A bancada, a serra, o fogo, os martelos, todo nosso cenário de trabalho é uma ferramenta para criar e para expressar nossa arte”, afirma uma das integrantes.

“

AS JOALHERIAS
CONTEMPORÂNEAS
SÃO UMA NOVA
FORMA DE SE
“FAZER MODA” E
ACRESCENTAR
EXPRESSÕES
CULTURAIS NO
COTIDIANO


”

FOTO IGOR DE MELO



ELIANA ALCÂNTARA,
CAROLINA FIGUERÊDO,
JAMYLLE WEYNE
E BRUNA BORTOLOTTI

AZUHLI
ANDREA DALL'OLIO
ADRIEL MARINHO
DIEGO DE SANTOS
FRANCISCO DE ALMEIDA
GABRIEL PINHEIRO
HENRIQUE VIUDEZ
MARCO RIBEIRO
MÁRIO SANDERS
MARCOS ORIÁ
RENATO NOGUEIRA
TÚLIO PARACAMPOS
WILLIAM MOPHOS
RODRIGO BRANCO
J. PINHEIRO
NIL ROQUE



📍 Av. Desembargador Moreira, 760 / SI 1308 / 1309 / Meireles
✉ atendimentooperaarte@gmail.com
☎ 85 3111 5378
🌐 /operaartecontemporanea.com.br
📱 /opera.arte

ōpera
ARTE CONTEMPORÂNEA

LEOPOLDO KASWINER



LEOPOLDO KASWINER

A BELEZA, OS ENSINAMENTOS
E A POESIA DA VIDA SIMPLES



CONSTRUINDO O CURRAL DE PEIXE / BITUPITÁ / BARROQUINHA / CE

“**T**emos um dever com as pessoas de sermos honestos com nós mesmos. Que usemos a fotografia como arma para proteger e melhorar a vida de todos os seres que habitam o planeta”. É exatamente assim que o fotógrafo cearense Leopoldo Kaswiner define o seu ofício. Nascido em Fortaleza, em 18 de setembro de 1960, Léó, como é mais conhecido no meio fotográfico, é de uma simpatia sem igual. Talvez, muito dessa leveza esteja no fato de que seu trabalho dialoga com as mais diversas perspectivas, ou seja, para ele, a influência é constante e pode vir de alguém simples e comum com quem conviveu poucos instantes. “Uma viagem, uma música ou uma paisagem podem te mudar para sempre”, afirma. O contato com o mundo artístico começou ainda bem cedo, de maneira despreziosa.

“**TUDO É INFLUÊNCIA. ATÉ MESMO ALGO QUE VOCÊ QUER COMBATER TE MUDA O OLHAR. A POBREZA, A RIQUEZA, A CORAGEM, A VIOLÊNCIA, A COVARDIA**”

”

Quando pequeno, juntamente com alguns amigos, começou a frequentar as aulas de pintura ministradas por Hermínio Macêdo Castelo Branco, mais conhecido como Mino. Escritor, cartunista, quadrinista e pintor, mestre Mino, como Leopoldo o chama, foi o responsável por suas primeiras noções de arte. O gosto pela fotografia, por sua vez, surgiu algum tempo depois, já no Colégio Santo Inácio, quando cursava o 8º ano. “Tudo aconteceu através do amigo Kaká Vitoriano, que já era cobra criada no assunto e a quem devo a decisão de trilhar o mundo da fotografia”, recorda Kaswiner. Em 1979, durante uma viagem aos Estados Unidos, Leopoldo comprou sua primeira câmera fotográfica, uma Olympus OM-1 de filme 35mm. “Em minha escola, em Camas Valley, Oregon, tive as primeiras aulas e descobri os primeiros segredos da fotografia”, conta. Três anos depois, já de volta a Fortaleza e trazendo na bagagem uma vasta teoria sobre a fotografia, começou a trabalhar no jornal Diário do Nordeste, onde permaneceu até outubro de 1984. “Lá, realmente vivi a fotografia como linguagem e, verdadeiramente,

“

FUI A VÁRIAS REGIÕES DO BRASIL, MAS
É O NORDESTE QUE ALIMENTA MINHA
ALMA FOTOGRÁFICA

”



FINADOS / IGREJA DO SOCORRO
JUAZEIRO DO NORTE



amadureci para trilhar meu próprio caminho. Minha primeira pauta foi fotografar o músico cearense Ednardo. Foi algo muito importante, pois, a partir desse momento, pude viver com as mais diversas expressões artísticas. Daí em diante, já queria dar mais um passo e fazer o que outros amigos já faziam: a fotografia autoral”, diz. Nomes como Chico Albuquerque, Walter Firmo, Celso Oliveira, Marcel Gautherot e Ed Viggiani são apontados por Kaswiner como grandes influências para seu trabalho. Atualmente, Léo gosta muito de fotografar as expressões culturais do Ceará e do Nordeste brasileiro,



FINADOS / IGREJA DO SOCORRO
JUAZEIRO DO NORTE

entre os quais pescadores, vaqueiros e romeiros. “Esses personagens me trazem grande inspiração, pois me fazem sentir de onde sou e de onde venho”, orgulha-se. Na exposição Cíceros, o artista homenageou os romeiros de Juazeiro do Norte. As imagens, capturadas no ano de 2011, no Dia de Finados, retratam o momento de chegada dos romeiros à cidade de Padre Cícero em caminhões e paus de arara. Já o projeto Marupiara, realizado em 2017, enaltecia o ofício da pesca, abordando tanto a rotina produtiva dos pescadores como toda a poesia que envolve a relação desses trabalhadores com o mar. Entre os anos de 2006 e 2016, Léo registrou muitas expressões da cultura maranhense, tais como o Bumba Meu Boi, o Tambor de Crioula e os belos lençóis maranhenses. Por tudo isso, fica claro que Leopoldo Kaswiner é desses artistas que nos fazem ver beleza no simples, afinal, o sentido da vida está, basicamente, em tudo aquilo que toca nosso coração.

“

ESSES PERSONAGENS
ME TRAZEM GRANDE
INSPIRAÇÃO, POIS ME
FAZEM SENTIR
DE ONDE SOU E
DE ONDE VENHO

”

Arte e beleza
na
Cirurgia Plástica.



Dr. Isaac Furtado

CRM 5243 RQE 1429
Membro Titular da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica - SBCP
Membro da International Society of Aesthetic Plastic Surgery - ISAPS
Membro da Associação dos Ex-alunos do Professor Ivo Pitanguy - AExPI

Ed. Harmony Medical Center
Av. Dom Luis, 1233 - s. 606
Meireles - Fortaleza / CE
(85) 3486.6272 / 99906.7320

@clinica.isaacfurtado



www.isaacfurtado.med.br

NOVOS OLHARES PARA MONA LISA

COLECIONISMO
E DIFUSÃO
ARTÍSTICA



Ao longo da vida, colecionamos lembranças e momentos. É comum observar crianças fazendo coleções de papéis de carta, gibis ou bonecos, por exemplo. A médica cearense Veridiana Brasileira é colecionadora desde muito nova. “Com 11 anos me tornei filatelista cadastrada nos Correios. A partir daí, passei a frequentar palestras e cursos para orientação e ensinamentos da filatelia e do colecionismo. Ainda hoje tenho a minha coleção de selos”, recorda. O viés da coleção começou a mudar quando, há 15 anos, ela decidiu que, em suas viagens, principalmente para fora do Brasil, incluiria programações culturais. A ligação com a arte foi quase imediata e, dessa forma, sentiu que era necessário estudar História da Arte, bem como conhecer os artistas e seus estilos. “Quando comecei a estudar,

tive muito interesse na obra e vida de Leonardo da Vinci, passei a ler muito sobre ele e a adquirir livros com suas obras. Mas os mistérios da Mona Lisa e toda a sua história foi me marcando”. E foi exatamente assim que começou o fascínio da médica com a icônica obra. Segundo ela, o primeiro item foi comprado por ocasião de uma viagem à Europa. “Em determinado momento, entrei em uma pequena Galeria em Madri e avistei uma Mona Lisa na forma de lego, impressa em tela. Fiquei encantada e comprei. Depois, fui a Paris para, dentre outros museus, conhecer o Louvre, onde se encontra a Mona Lisa”. Ao fim dessa viagem, havia trazido oito versões da Mona Lisa na bagagem,



FOTOS ANDRÉA DALL'OLIO

CENTRO CULTURAL BANCO DO NORDESTE

“

A PRÁTICA DO COLECIONISMO É ATIVIDADE SILENCIOSA E SOLITÁRIA, MAS TODO COLECIONADOR TEM A INTENÇÃO DE MOSTRAR SUA COLEÇÃO

”

entre desenhos, pinturas e aquarelas. Com o passar do tempo e o encanto despertado pelo quadro de Da Vinci, Veridiana passou a prestar atenção nas inúmeras releituras que a obra possuía de artistas do passado, como Picasso, Salvador Dali, Marcel Duchamp, Andy Wharol e Bottero, além de Nelson Leirner, das



CENTRO
CULTURAL BANCO
DO NORDESTE

incontáveis releituras digitais que circulam pela internet e do poder midiático que essas releituras possuem. “A Mona Lisa é, portanto, a obra de arte que mais sofre a interferência de releituras. E, esse alcance lhe faz ser a obra mais conhecida do mundo”, afirma. Veridiana conta que ao longo dos anos conheceu vários artistas cearenses e foi percebendo a natureza de cada um em suas técnicas, materiais e traços. “E, assim, fui idealizando a Mona Lisa de cada um naquela técnica específica, considerando que seria muito interessante esse referencial para analisar os diversos artistas na mesma temática. Fui fazendo encomendas de Mona Lisas, por contato direto com cada artista e sempre pedindo para respeitar sua identidade artística, seu traço e seus materiais”, revela. Ciente de seu enorme acervo e percebendo a riqueza didática e cultural que ele possuía, Veridiana



VERIDIANA BRASILEIRO E ANDRÉA DALL'OLIO,
CURADORA E PRODUTORA CULTURAL

FOTO HELAINE MENDONÇA



MUSEU DO CEARÁ

decidiu que poderia estimular em outras pessoas, notavelmente, as crianças, o interesse pela arte. E foi exatamente assim que nasceu a Exposição “Novos Olhares para Mona Lisa”, com curadoria de Veridiana Brasileiro e Andréa Dall’Olio Hiluy, que vem sendo apresentada em Fortaleza e em algumas cidades do interior do Ceará, em recortes temáticos de parte dessa coleção de releituras. A mostra é formada por mais de 300 releituras da Mona Lisa (entre pinturas, desenhos, gravuras, esculturas, bordados, fotografia

e assemblage), realizadas por artistas nacionais (em sua maioria cearenses) e internacionais. Com a participação dos artistas locais, a mostra funciona também como um recorte da produção artística contemporânea do Ceará, com a participação de artistas ativos desde a década de 1960 até os dias atuais. “Os sentimentos que a arte me despertou me fizeram entender a importância para a formação e a educação, e foi esse sonho que me fez propiciar esse despertar a outras pessoas”, orgulha-se.

“ O SENTIMENTO QUE A ARTE ME DESPERTOU ME FEZ ENTENDER A IMPORTÂNCIA PARA A FORMAÇÃO E A EDUCAÇÃO ”

HELOÍSA JUAÇABA

A ARTE COM A LUZ E A
VISUALIDADE DO CEARÁ

Roberto Galvão

[H]eloísa nasceu em um meio repleto de cores: de ricas variações de uma vegetação em mil verdes; de terras óxidas vermelhas, marrons e amarelas retingidas pelo lodo oriundo de pinceladas de umidade; de céus azuis e plúmbeos a branquíssimas nuvens que, no cair da tarde, refletem inimagináveis paletas de laranjas, roxos e turquesas; e de cores em harmonias inesperadas das plumas de pássaros pouco conhecidos. Ainda hoje, quem visita a fazenda Canabrava, em Guaramiranga, onde Heloísa nasceu e viveu a sua infância, tem as cores tocando os seus sentidos e embriagando a sua mente em visões que o obrigam a percebê-las e sistematizá-las. A paisagem que chega aos nossos olhos é tão rica em texturas, ondulações, ritmos, formas e cores que nos faz pensar em obras de arte.



PAISAGEM ABSTRATA 2 50 x 40 CM



PÁSSARO 2 24 x 30 CM / ÓLEO SOBRE TELA

A convivência cotidiana com esses estímulos, por certo, formou os sentidos e educou o olhar de Heloísa. Obviamente, para que isso ocorresse e a transformasse em artista, também havia o pendor natural para as artes e a coragem, fator que possibilita a desenvoltura no criar. O talento de Heloísa para as artes já era perceptível, desde criança. Ela mesmo conta: “Minha mãe estava desenhando uma toalhinha numa sobra de linho de uns 80 por 40 centímetros. Ela desenhava e apagava. Fez umas florzinhas assim no canto direito, em cima, fez outras no canto esquerdo embaixo, mas ela não estava gostando. Eu também

“

HELOÍSA NASCEU EM UM MEIO REPLETO DE CORES: DE RICAS VARIAÇÕES DE UMA VEGETAÇÃO EM MIL VERDES.

”

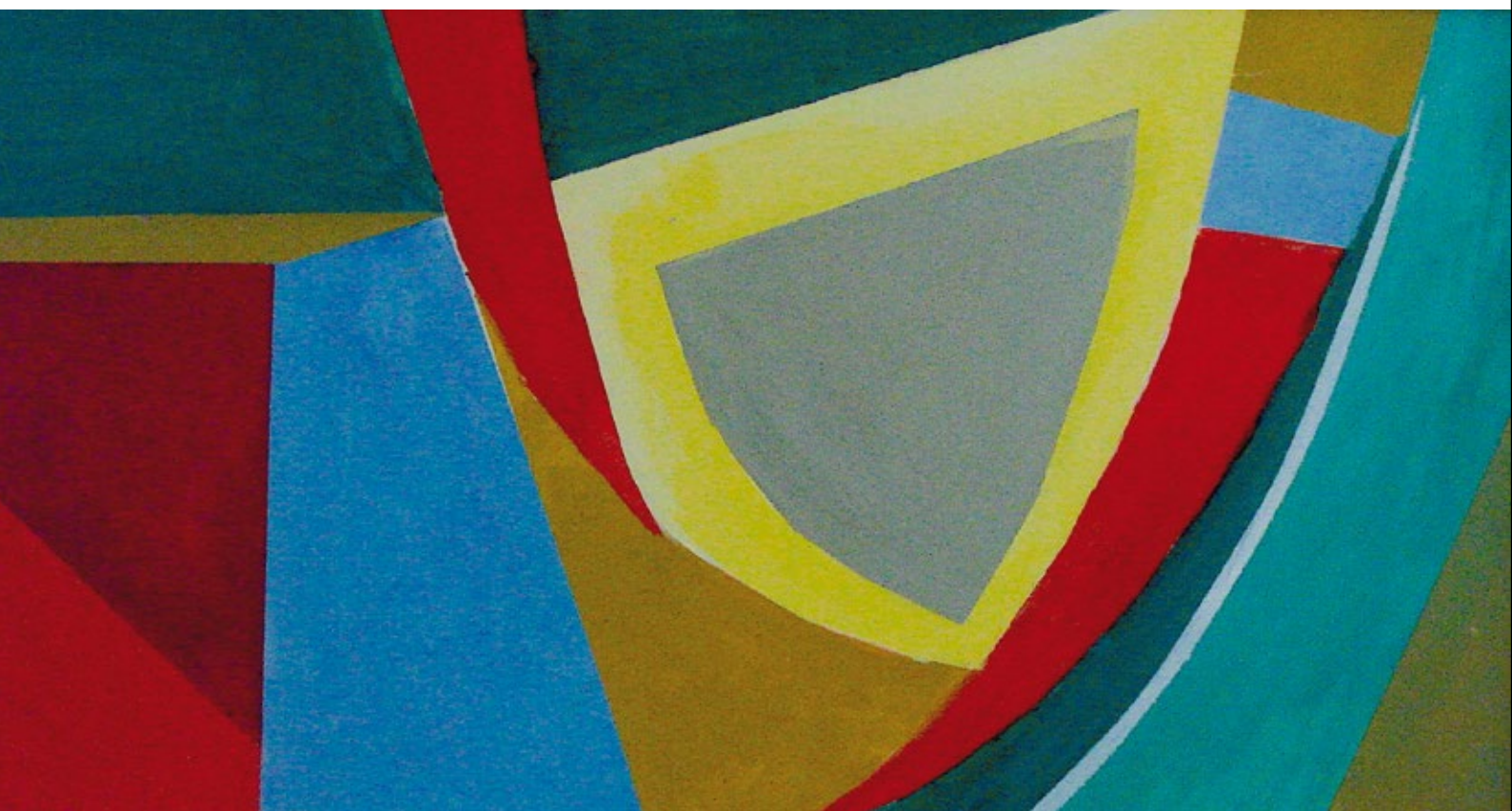
não. 'Mãe, o que a senhora quer fazer? Deixe eu fazer um desenho! - Você sabe, minha filha? - Eu não sei, não, mãe, mas sei fazer melhor do que a senhora está fazendo aí.' Ela achava graça! Então eu fiz um cacho no meio, atravessando a toalhinha e outro menor assim, outro assim, e pronto. Mãe olhou e disse: 'Minha filha, como você fez isso? Minha filha, você é uma artííííísta!'. Ela ficou deslumbrada. Foi a minha primeira referência de que eu era uma artista. Eu tinha cinco para seis anos, vivia ainda na Canabrava, em Guaramiranga". Depois, bem depois, veio a descoberta por

Haroldo Juaçaba que, somente após o casamento e o nascimento das primeiras filhas, no início da década de 1950, percebeu os pendores artísticos de Heloisa e, prontamente, a estimulou a estudar com João Maria Siqueira. Seus primeiros trabalhos foram registros das paisagens de Guaramiranga. Posteriormente enveredou pela arte de influência cubista. Com essa maneira de fazer arte, obtém seus primeiros prêmios no Salão dos Novos, em 1952, e no Salão de Abril, em 1953 e 1954, respectivamente. Além da produção artística, a partir da década de 1960, inicia-se em atividades que hoje

“

COMO NÃO PERCEBER NAS OBRAS DA SÉRIE BRANCA, REFLEXOS DAS TRADIÇÕES DOS TRANÇADOS E DOS DESENHOS DAS CERÂMICAS INDÍGENAS ?

”



PAISAGEM ABSTRATA 2 50 x 40 CM



FIANDEIRA 50 x 60 CM / ÓLEO SOBRE TELA

poderíamos denominar como Ações Socioculturais: participou ativamente na criação do Museu de Artes da Universidade Federal do Ceará – Mauc (1961), Galeria Credimus (1967), Casa de Raimundo Cella (1967), Biblioteca Municipal Dolor Barreira (1969), Museu de Arte Sacra São José de Ribamar, em Aquiraz (1970), Pinacoteca do Estado do Ceará (1972), Museu de Artes e Tradições Populares (1973) e Pinacoteca do Paço Municipal de Fortaleza (1974). Organizou, ainda, salões, mostras coletivas e individuais; promoveu palestras e cursos de arte. Nas artes plásticas do Ceará, nas décadas de 1960 e 1970, tudo o que acontecia tinha a mão de Heloísa. Em paralelo a essa intensa ativida-

de no campo cultural, Heloísa desenvolve três das suas mais importantes séries artísticas: a série dos “Barcos”, a da vegetação de “Guaramiranga” e a “Série Branca”. Durante muito tempo, pensei nas obras de Heloísa Juaçaba como uma arte filiada às correntes de influência construtivista. Hoje percebo como era colonizada essa postura de entendimento que procura nos movimentos externos à nossa cultura a explicação, o motivo e a justificativa de tudo que desenvolvemos e criamos no Brasil. Pensando assim, acreditamos que o valor maior de nossos artistas está em eles saberem se adequar ou se filiar aos movimentos estrangeiros com perfeita disciplina. Essa postura alienada e alienante, infelizmente, ainda é incentivada pela crítica mais influente. Agora, mais maduro, acredito que, na verdade, ela

nunca teve essa preocupação de seguir tendências internacionais. Pelo contrário. Acredito que é a percepção, a vivência e os laços que ela tem com nossas tradições culturais que possibilitam que ela elabore uma arte de caráter pessoal, que efetivamente contribui para o nosso enriquecimento estético. Como pensar em influências internacionais ao ver pinturas de barcos e jangadas cearenses? Como cogitar extensões estrangeiras nos exuberantes registros da paisagem de Guaramiranga? Como não perceber, nas obras da Série Branca, reflexos das tradições dos trançados e dos desenhos das cerâmicas indígenas, ainda hoje presentes na nossa rica cultura artesanal? Heloísa não precisou beber das correntes artísticas internacionais. Para ela, o Ceará era a fonte.

“
O TALENTO DE
HELOÍSA PARA
AS ARTES JÁ ERA
PERCEPTÍVEL
DESDE CRIANÇA
”

HELOÍSA JUAÇABA
GUARAMIRANGA / 1920
FORTALEZA / 2013






“Meus quadros no mundo, sem fronteiras e sem passaporte, como a vida e a arte devem ser”

“My paintings in the world, without borders and without a passport, as life and art should be”

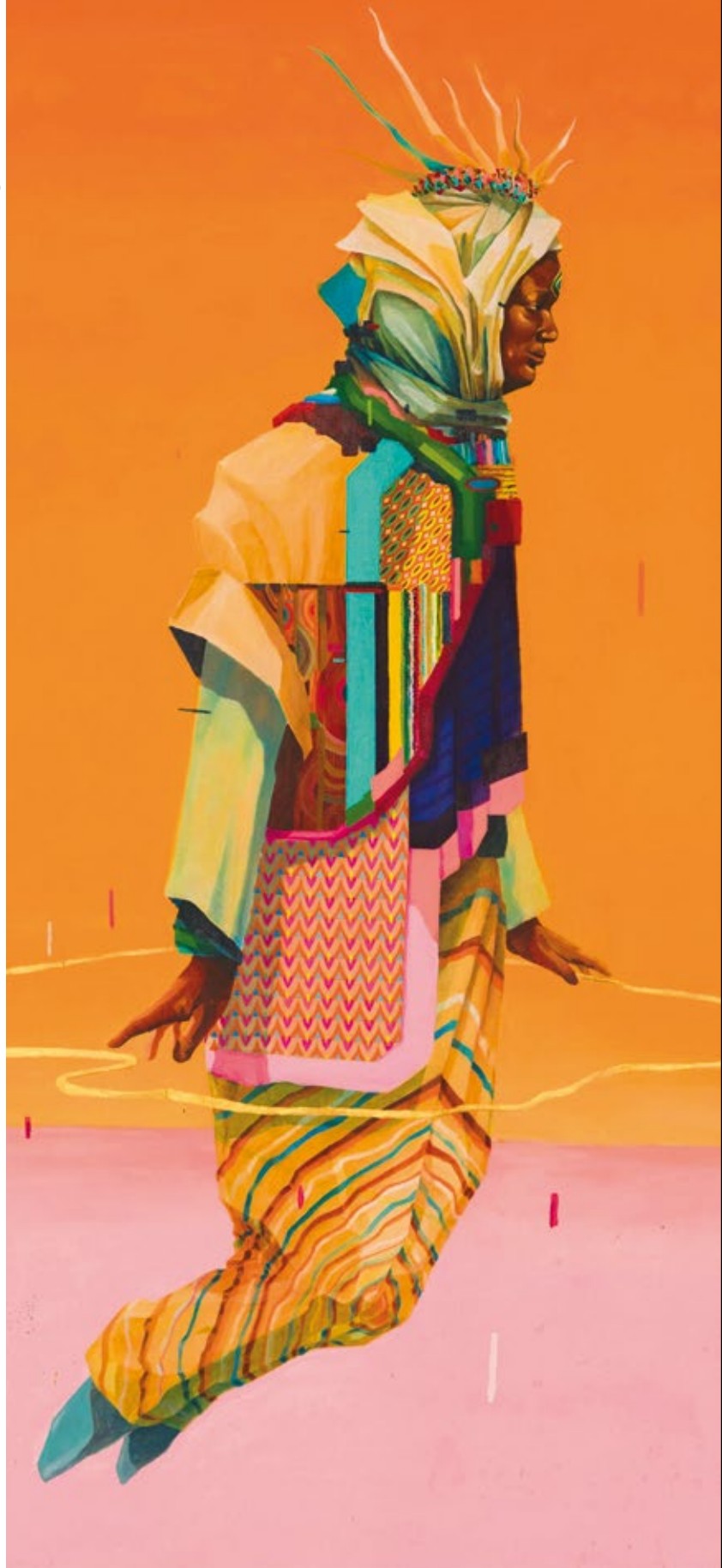
criscavalcante.art.br

 [criscavalcanteart](https://www.instagram.com/criscavalcanteart)

ACIDUM PROJECT

QUEBRANDO E
RECONSTRUINDO
(SEMPRE MELHOR)
O PRÓPRIO ESTILO

Nascido em Fortaleza, Robézio Marqs sempre esteve atento a todas as manifestações artísticas que o rodeavam, principalmente, durante a infância, fossem influências de movimentos de rua de todos os tipos, culturais, folclóricos, festas do bairro ou mesmo a rua ocupada por vizinhos. Segundo ele, o pai, marceneiro, e a mãe, professora de escola municipal, sempre o aproximaram das atividades manuais e da arte. “Meu pai era um exímio marceneiro, e minha mãe fazia de tudo na escola: organizava eventos, tinha muitos materiais ilustrativos, se vestia de palhaça, atuava e embelezava as festas”, orgulha-se. Com o passar dos anos, Robézio foi cada vez se aproximando mais da arte. Apesar de afirmar não saber exatamente quando esse interesse foi despertado. “Realmente saber de um começo específico de interesse pela arte é bem difícil, esse tipo de coisa é indefinível em minha opinião”, afirma. De início, o artista passou a misturar suas referências de adolescência da rua com o trabalho mais maduro de arte contemporânea, tais como instalações e intervenções urbanas. Em 2006,



CÍRCULO DOURADO TÉCNICA MISTA SEM TELA / 1,5 x 1,70 CM / 2017



POMAR_#2 SPRAY, TINTA ACRILICAS SEM TECIDO / 120 M x 90 CM / 2017

decidiu convidar Henrique Viudez, Rafael Limaverde, LeoBds e Jabson Rodrigues, artistas com linguagens completamente diferentes e que poderiam somar ao coletivo. E foi assim que nasceu o Acidum Project, inspirado em coletivos musicais como Unkle, Mutantes, Massive Attack e Daft Punk. “Com o coletivo formado, nossos fluxos de produção enveredavam pela xilogravura, pintura, performance e videoarte, e a autoria de cada trabalho era omitida. Daí Acidum, a diluição de estéticas e ideias distintas numa nova linguagem. Os cinco anos do

coletivo foram celebrados com um livro, o “Entregue às Moscas”, explica. Atualmente, o Acidum é caracterizado como um duo de artistas. Com a chegada da fortalezense Tereza Dequinta, artista e tatuadora, o coletivo partiu para uma nova fase, com novos traços. “No meio de toda produção do Acidum, a Tereza já vivenciava esses movimentos. Ela entrou no IFCE (Artes Visuais), participava do Selo Coletivo, e os dois projetos acabaram sendo convidados juntos para várias ações. Ela foi ficando cada vez mais presente”, assevera Marqs. A parceria dos artistas já possibilitou a realização de dezenas de murais em várias cidades do Brasil e do mundo, alguns em grandes festivais de arte urbana, como o Mural Festival, realizado

“

ESTUDAMOS
A MATRIZ QUE
CRIOU A NOSSA
HISTÓRIA, A
TRADIÇÃO VISUAL
DO FOLCLORE,
A INFLUÊNCIA
AFRICANA, ÁRABE
E INDÍGENA

”



FOTO @VIKTORBRAGA

FRUTO TÉCNICA MISTA: SPRAY, TINTAS ACRÍLICAS SEM TECIDO / 2,10 M x 1,20 M / 2019

“

NESSE MOMENTO,
ESTAMOS
MERGULHANDO
EM PINTORES
EXPRESSIONISTAS
ABSTRATOS E
SIMBÓLICOS

”

em Montreal, no Canadá. Em Fortaleza, um dos trabalhos mais emblemáticos do Acidum é o mural da Avenida 13 de Maio, no Bairro Benfica, realizado ainda em 2007. Segundo Marqs, marcou a memória de muitas pessoas e inaugurou as ações voltadas ao muralismo e à ocupação. Um dos pontos mais interessantes de todos os trabalhos elaborados pelo Acidum é a total liberdade de estilos. Conforme eles mesmos se intitulam: “somos experimentalistas”. O duo afirma que gosta de arriscar sempre e diz não ter medo de quebrar e reconstruir infinitamente o próprio estilo. “Não existe uma fronteira, e isso é o importante a ser transmitido. Nós agregamos energia a tudo que envolve a produção dos nossos trabalhos, desde objetos dos locais onde estamos, até a vivência com trabalhos de outros artistas que encontramos no caminho. A obra começa na vivência”, conta Robézio. A beleza da arte feita pelo Acidum é justamente essa miscelânea poética,



ASSINATURA ACIDUM FINE ART RECBEAT / 2019

“

ACREDITAMOS QUE O MAIOR DESAFIO É, DE FATO, VIVER DE ARTE. LEVA TEMPO ATÉ SE ESTABELECEMOS NUM PROCESSO CONTÍNUO

”

o caminhar entre o orgânico e o geométrico, o regular e o irregular, a mistura de técnicas, spray, acrílica, bordado, pigmento, serigrafia, metal e madeira. Importante ainda salientar que o Acidum realiza interação coletiva com outros artistas brasileiros. “Não é só uma questão de permitir, mas praticamente um exercício que envolve o conceito do Acidum. Porém, tudo surge a partir do que cada trabalho pede. Assim, muitas vezes, se fazem necessários esses desdobramentos, principalmente em exposições mais complexas, montagens e criação de instalações”, explica o artista. Sobre os planos para o futuro, o duo é categórico: “Estamos no momento muito empenhados em equilibrar os trabalhos locais com todos os convites e projetos internacionais que temos que cobrir. Os próximos passos são alinhar todos os apoios e parceiros que serão necessários para essa nova fase se concluir”.

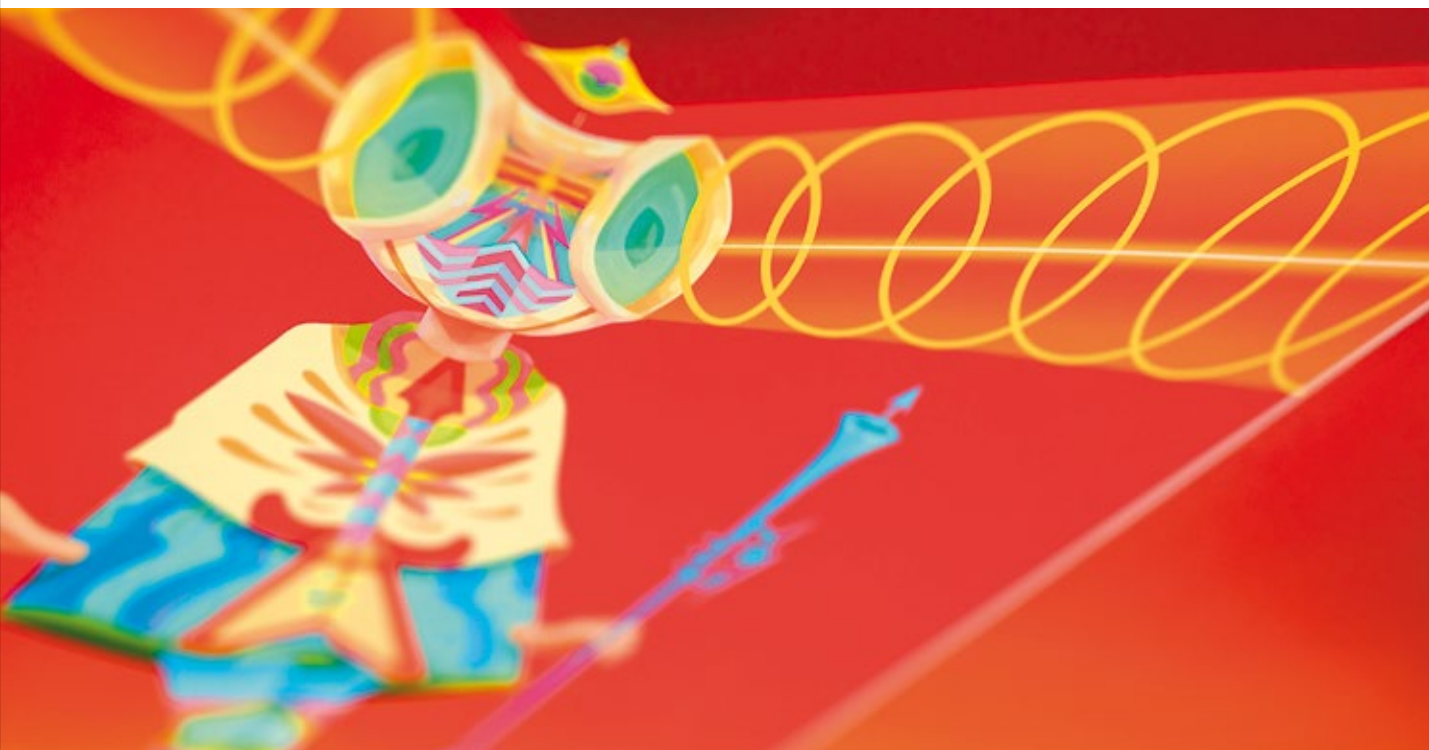


FOTO VIKTOR BRAGA

CARTAZ FINE ART ACIDUM RECBEAT / 2019

LIRAJURACI

COMPOSITORA,
ESCRITORA E
ARTISTA PLÁSTICA

Nascida em Cajazeiras, na Paraíba, em janeiro de 1925, Juraci de Lira Furtado tem uma história que nos serve de inspiração. Já na infância, pelas circunstâncias impostas, Lira logo precisou amadurecer. Casou-se e com o marido teve dez filhos, seis mulheres e quatro homens (dois vindo a falecer: uma menina, ainda bebê, e outro filho, aos 21 anos). Mesmo tendo enfrentado dores inimagináveis para uma mãe, sempre se mostrou forte e nunca se deixou abater. De origem humilde e filha de agricultores, aprendeu com os pais que maus tempos viriam, no entanto, com dedicação e força de vontade, tudo seria resolvido ao final. Em seu tempo de adolescência, vigorava a ideia, que hoje nos parece retrógrada, de que as mulheres deveriam ser ensinadas, apenas, a conquistar as habilidades necessárias para serem exímias donas de casa. Lira Juraci, entretanto, se mostrou revolucionária nesse ponto, uma vez que, mesmo após casada, conseguiu concluir os estudos. Sua relação com a arte, ressalta Vando Figueiredo, artista



FILHOS DO ONTEM / 46 CM x 32 CM ACRÍLICO SOBRE TELA / SEM DATA

plástico e um de seus filhos, sempre esteve fortemente presente. “Minha mãe sempre foi artista. Ela tinha uma sólida ligação com a música, fez diversas composições e todas devidamente registradas. Da reunião dessas músicas, conseguiu gravar um pequeno compacto, em meados da década de 1980”, relembra. Além das composições, outra de suas paixões é a literatura. Em muitas dessas histórias, falava sobre episódios de sua própria trajetória de forma poética, leve, mas muito verdadeira. Na vida de Lira Juraci, as artes plásticas

surgiram em um momento extremamente difícil, após a perda do filho de 21 anos, e, tempos depois, a de seu marido. Essa senhora, então com mais de 70 anos, antes cheia de vida, se viu em um período delicado. Foi nessa hora que o amor da família e dos amigos foi imprescindível para sua melhora. Vando afirma que, muitas vezes, ela o confienciava sobre a vontade de pintar. “Não pensei duas vezes, comprei alguns materiais de pintura e dei de presente para ela. Para nossa surpresa, de forma absolutamente natural,

ela começou a desenvolver trabalhos superinteressantes”, orgulha-se o filho. A primeira tela, intitulada “Heróis”, representava uma pessoa caminhando ao longo de uma estrada, na esperança de dias melhores. Daí em diante, as pinturas começaram a acontecer com mais frequência. Por ser uma mulher bastante atenta a tudo que viveu, os temas de seus quadros, todos feitos com a técnica da acrílica sobre tela, são os mais variados possíveis e trazem elementos de diversos motivos históricos, tais como cangaço,



GRUPO FORASTEIRO / ACRÍLICO SOBRE TELA / SEM DATA

**PRIMAVERA**82 CM × 30 CM / ACRÍLICO
SOBRE TELA / 2009

seca nordestina e Revolução de 64. Além disso, é muito comum observar elementos religiosos em suas telas, com representações de Jesus e de passagens bíblicas. Ao longo dos anos, a atividade artística não parou, e o reconhecimento foi acontecendo de forma bastante espontânea. Já foi premiada na Unifor Plástica, na categoria pintura, com a obra “Corações de luto”. Também obteve o 2º lugar na XXII Edição do Salão dos Novos e foi contemplada na I Bienal Multicultural de São Luís e no Salão Sobral de Artes Plásticas. Inúmeras vezes esteve entre os participantes de concursos direcionados à maturidade. Uma das particularidades de Lira Juraci é a forte relação com seus quadros, que são procurados, inclusive, por compradores de fora do Brasil. Contudo, a artista não se desfaz, e a razão, avaliemos, é totalmente compreensível: “Eu os amo. São os filhos de minha mente”, explica Lira.

“

EM 1975, GRAVOU UM COMPACTO COM SUAS PRINCIPAIS COMPOSIÇÕES E, EM 1988, LANÇOU SUA PRIMEIRA OBRA LITERÁRIA

”

**LIRA JURACI**


AO LONGO DOS ANOS, A ATIVIDADE ARTÍSTICA NÃO PAROU E O RECONHECIMENTO FOI ACONTECENDO




Aqui
Tem fé e
café e
flores

*Serviço de manobrista



 @romacafedesign  Romã

romã

 85 98815 8450 | 85 3244 1450 | Rua Osvaldo Cruz, 1346 - Meireles

STENIO BURGOS

ARTE COM ELEMENTOS TRADICIONAIS
E PERMEADA DE SENSIBILIDADE

FOTOS FRANCIANDESON SOUSA



CASCUDO NO VERÃO OST 70 CM x 100 CM / 2010

Stenio Burgos é destes nomes que nos fazem enxergar o quanto a vida pode ser bela. Isso pode ser visto tanto em seus trabalhos, coloridos e cheios de representatividade, quanto em sua forma de relacionar-se com o ser humano, permeada pela educação, simplicidade e generosidade. Nascido em Crateús, município do Ceará, no ano de 1954, filho de pai cearense e mãe baiana, Stenio recorda com carinho a infância livre passada entre o barroco da Bahia e a secura do sertão. O primeiro contato com a arte aconteceu durante as aulas de pintura da professora Alice Melo para as moças da sociedade local, em sua cidade natal. “Saía correndo no recreio no

“

COMO DIZ NOSSA
MESTRA TOMIE
OHTAKE: “A ARTE
É UM CAMINHO
SEM VOLTA”

”



EAST OF EDEN OST 89 CM x 116 CM / 2013

Instituto Santa Inês e ficava dando voltas pelos trabalhos das alunas. Uma delas era minha prima Kika, que me deixava brincar com suas tintas e pincéis depois da aula". Stenio conta que, ao contrário de hoje, na década de 1950, a pintura era tida como atividade predominantemente feminina, muito disso por conta da delicadeza com que os trabalhos precisavam ser feitos. "Lembro que o primeiro quadro em que interferi foi uma cópia de Ruysdael de uma paisagem holandesa, que ainda hoje me pertence", diz. Certamente, esse primeiro

trabalho realizado não aconteceu à toa, visto que, segundo o artista, há uma identificação sua muito forte com a pintura holandesa do Século XVII. "Dos seus gêneros tomo emprestado os motivos para minha produção artística, que podem ser paisagens, retratos, cenas cotidianas ou naturezas mortas". Aos 11 anos, o então garoto mudou-se para a capital cearense, e a arte passou a fazer, ainda mais fortemente, parte de sua história. O trabalho de Burgos, como ele mesmo define, é muito tradicional, já que utiliza somente a pintura a óleo sobre chassis de

tela de linho. Entretanto, existe todo um cuidado por trás do processo, uma vez que as telas são preparadas por João Alves, no Rio de Janeiro, e as tintas Old Holland e Charvin vêm da Holanda e da França. Stenio é desses artistas alheios a rótulos, conservador do classicismo dos materiais e das temáticas, mas sempre com espírito aberto para qualquer tipo de expressão. "Meu ingrediente essencial é a liberdade". Os quadros de Burgos têm muito de autobiográficos, já que entre as representações estão seu ateliê, seus amigos, flores do seu jardim, suas paisagens preferidas ou mesmo frutas da geladeira. "Às vezes vou para a frente do espelho tentar me enxergar por outro viés", brinca. Apesar da forte relação com o sertão e de ter andado por boa parte do Brasil, Stenio passou por diversos países, como

FOTO NELLY ROSA



GIRASSÓIS OST 92 CM x 73 CM



TULPENDAG OST 73 CM x 92 CM / 2012

“

CONSIDERO QUE MINHA PINTURA É FIGURATIVA E EXPRESSIONISTA, A PARTIR DO PONTO QUE É AUTOBIOGRÁFICA E REPRESENTATIVA DO MEU COTIDIANO

”



OBRA DE FUNDO: INVENTÁRIO COM 22 OBJETOS 2010

França, Espanha e Estados Unidos. “Como sertanejo que sou, sempre fui um viajante e tive vivências com outras terras e culturas. Acho que o cearense consegue adaptar-se muito bem a outras realidades”, avalia. Em todos esses locais, Burgos aprendeu novos idiomas, especializou-se no segmento de Arquitetura e Urbanismo (em que chegou a graduar-se) e, principalmente, compreendeu que a arte é um irrestrito mundo de possibilidades. Conforme conta, foi em Barcelona que encontrou o habitat ideal para desenvolver as habilidades artísticas. “Pouco a pouco fui me desinteressando do doutorado na Universidade Politécnica de Catalunha e me entregando à pintura. No meu retorno a Fortaleza, em 1987, tive que encarar novamente a Arquitetura e, somente em 1998, já em minha casa, no município de Amontada, voltei a manusear as tintas e os pincéis”, assevera. Ao longo da carreira, o artista recebeu inúmeros prêmios, entre os quais o primeiro lugar na Categoria Pintura, na XIII Unifor Plástica, em 2005, com a obra “Paisagem Urbana”. E, mais recentemente, recebeu a comenda Brigadeiro Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza, pela Exposição Sertão Holandês, no Museu do Ceará, em 2017. Seu mais recente projeto é a mostra individual À Flor da Pele - A Pintura Visionária de Stenio Burgos, com curadoria do Professor Gilmar de Carvalho, aberta no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará, em março de 2019. A arte de Burgos é, sem dúvida alguma, uma enorme caixa mágica, cheia de cores, belezas e boas surpresas.



M

Você merece!

Faça seu evento no **Moleskine.**

EVENTOS SOCIAIS, CORPORATIVOS E PALESTRAS.

AMBIENTES SOFISTICADOS
CARDÁPIOS PERSONALIZADOS
EQUIPAMENTOS DE MULTIMÍDIA
CHEFS COM RECEITAS EXCLUSIVAS

Reservas & Eventos:

+55 85 98948.8983 | 3037.1700

Rua Professor Dias da Rocha, 578 - Meireles

 www.moleskinegastrobar.com.br
sotao.moleskinegastrobar

DA MADEIRA AO COURO

SETUR APOSTA NO
ARTESANATO LOCAL
PARA DIVULGAR O
ESTADO NO BRASIL
E NO MUNDO

FOTO GENTIL BARREIRA



FOTO GENTIL BARREIRA



Aquela lembrança de viagem ou a peça que você escolhe com critério para decorar sua casa tem por trás uma infinidade de histórias. Crianças que já aprendem as técnicas e segredos do artesanato antes mesmo de terminar o ensino fundamental. Tudo com prazer e muito orgulho. Foi assim com a artesã Josimara Lima, de 28 anos. Aos 12, aprendeu a transformar madeira em arte. “Eu olho pra madeira e vejo o que ela dá. Uso a imaginação, o que vier primeiro eu faço. Mas gosto mesmo do processo de finalização, no qual

eu pinto e dou vida à peça”, conta Mara, como é conhecida no Centro de Cultura Mestre Noza, local que reúne mais de 100 artesãos em Juazeiro do Norte. Hoje, ela ensina sua técnica ao filho Enrique, de 11 anos. As peças de madeira, assim como as de barro, são o carro-chefe do Centro Mestre Noza, um dos locais de referência no artesanato cearense. E são as máscaras de barro e as peças coloridas de madeira que dão vida aos estandes da Secretaria do Turismo do Ceará (Setur), que tem como proposta levar um pouco do Estado para os mais diversos locais no Brasil e no mundo.

“AS PEÇAS DE MADEIRA, ASSIM COMO AS DE BARRO, SÃO O CARRO-CHEFE DO CENTRO MESTRE NOZA, UM DOS LOCAIS DE REFERÊNCIA NO ARTESANATO CEARENSE.”

As mascaras são feitas com o barro e depois precisam secar por 15 dias. “Pra secar bem secadinho, sabe?”, detalha Mara. Depois as peças passam pelo processo da queimagem dentro de um forno, e logo após são pintadas. As peças de madeira passam por processo parecido. São esculpidas, lixadas e recebem um acabamento. Só então ganham a pintura. Também no Cariri, em Nova Olinda, é selecionado outro tipo de artesanato para encantar o público que visita os estandes da Setur. O couro, matéria-prima do trabalho de Espedito Seleiro, é valorizado com peças como gibões, coletes, sapatos, sandá-



FOTO GENTIL BARREIRA

lias e objetos decorativos, como cadeiras e bancos. Seu Espedito também aprendeu o trabalho ainda menino com o pai, Raimundo Seleiro, que aprendeu com o pai dele, Gonçalves Seleiro, filho de Antônio Seleiro, a arte de tratar e transformar o couro de boi e de cabra em peças usadas pelos vaqueiros. A sandália famosa surgiu de uma forma inusitada, história que Seu Espedito adora contar. “Um cabra chegou pro meu pai e disse que queria uma sandália diferente, de solado quadrado, que não desse pra saber pela pegada se a pessoa estava indo ou vindo. Mostrou um modelo desenhado. Meu pai disse que fazia. Depois de uns dias, ele veio buscar a encomenda e perguntou pro meu pai se ele sabia pra quem era a sandália. ‘Não é pra você?’, meu pai quis saber. ‘Não, é pro Capitão Virgulino’. ‘Pois leve a sandália e nem precisa pagar’”, termina, emendando uma gargalhada.



O COURO,
MATÉRIA-PRIMA
DO TRABALHO DE
ESPEDITO SELEIRO,
É VALORIZADO COM
PEÇAS COMO GIBÕES,
COLETES, SAPATOS,
SANDÁLIAS
E OBJETOS
DECORATIVOS,
COMO CADEIRAS
E BANCOS.



FOTO GENTIL BARREIRA



“ PARA COMPLETAR A COMPOSIÇÃO DOS ESTANDES DA SETUR, A RENDA É PERSONAGEM DISCRETO, MAS QUE SEMPRE É BEM VISTA. UTILIZADA NO TETO DO ESPAÇO ”

Quando Seu Espedito ainda era criança, sua família fugiu da seca e trocou o sertão dos Inhamuns, área mais árida do Ceará, pelo quase sempre verde Cariri. Aos 16 anos, em busca de uma vida melhor, Espedito foi embora para o Paraná. Ficou três anos e voltou para o Cariri. Um dia, cansado de tantas peças parecidas – as sandálias de couro são tradição no interior do Ceará e são vendidas em qualquer mercado popular –, viu que precisava inovar. Usando produtos naturais, como a tintura da casca do angico, árvore comum na cidade, tingiu o couro. Fez sandálias amarelas, vermelhas, verdes e roxas, cheias de desenhos. Levou para um conhecido no mercado vender. No outro dia vieram pedir mais, e as sandálias coloridas fizeram com que ele se diferenciasse dos demais artesãos. Assim, Mestre Espedito foi ganhando admiração, e sua fama foi se espalhando. Em 2015, sua arte gerou uma parceria com os irmãos Fernando e Umberto Campana e deu origem à coleção Cangaço, que tem quatro peças: uma cadeira, uma poltrona, um sofá e um espelho. Como característica marcante, a estrutura das peças é sempre “vestida” com o couro colorido - nos assentos, recortes deixam entrever a trama da palhinha em pontos específicos. O trabalho foi exposto em mostras pelo Brasil e pelo mundo.

RENDA

Para completar a composição dos estandes da Setur, a renda é personagem discreta, mas que sempre é bem vista. Utilizada no teto do espaço, ela normalmente é encontrada em roupas, lenços, toalhas e outras peças, mas tem um valor tradicional e econômico no Ceará. É nos bilros que a linha mora, antes de ser sentada, seguindo a guia do papelão em cima das almofadas, a partir das mãos das rendeiras. Uma tradição vinda de Portugal, passada de geração em geração, que se tornou um dos grandes diferenciais do artesanato cearense.

@gretacafefortaleza



Greta
CAFÉ

Av. Antonio Sales, 2956 / 3085.6287

VERA DESSART

CERÂMICA: A NATUREZA MUTÁVEL
DO BARRO, DA ÁGUA E DO FOGO



Nascida em Santos, no estado de São Paulo, Vera Dessart sempre foi uma criança criativa e curiosa. Sua vivência com a arte começou bem cedo, uma vez que seu avô paterno e sua avó materna eram pessoas de grande senso estético e artístico. Não bastasse isso, o pai sempre foi um excelente desenhista, e a mãe, exímia artista nos desenhos em bico de pena, nas criações têxteis e no bordado livre. Segundo ela, suas recordações são cheias de significado e refletem muito do que é hoje em dia. “Os momentos passados com meu pai na oficina-ateliê-escritório do meu avô, onde brincava entre ferramentas e utensílios antigos e me maravilhava com o conteúdo das gavetinhas de um armário onde havia de um tudo. Também me lembro das férias na chácara da família, onde havia uma ‘mina’ de argila maravilhosa com a qual modelava peças para brincar”, conta.

“

A CERÂMICA ME POSSIBILITA EXERCER
UM TRABALHO QUE SE ADAPTA A
MINHA NATUREZA MUTÁVEL

”

SCRAPS ASSEMBLAGE: CERÂMICA, MADEIRA DE JANGADA
E PEDRA ÁGATA NATURAL



UTILITÁRIO: PLACA PARA QUEIJO DA LINHA TRIBAL

De início, Vera trabalhava com restauração de objetos de arte. Formada em São Paulo e especializada em workshops na Inglaterra e na França, foi, com o tempo, sentindo necessidade de expressar mais a criatividade. Para ela, recuperar algo que havia sido criado por outro artista já não a satisfazia plenamente. Foi exatamente aí que reacendeu uma antiga paixão: a cerâmica. “A cerâmica sempre me interessou, por seu caráter de material orgânico, de grande plasticidade, com inúmeras possibilidades de ser trabalhado, por estar presente desde sempre na história do homem”, diz. Atualmente, Vera é um dos mais representativos nomes do segmento. O processo totalmente manual e pessoal, a diversidade de materiais e técnicas que podem ser utilizados, as experiências inusitadas, as surpresas que ocorrem quando não se consegue controlar a vontade do barro, da água e do fogo são elementos que, conforme ressalta, fazem com que o trabalho com a cerâmica seja solidificado a cada dia. Apesar do contato com a arte desde muito pequena, Vera assegura que o início na cerâmica foi bem árduo, uma vez que não existiam ceramistas na família e ninguém que pudesse ensinar-lhe a técnica. “A partir de um curso básico, já em

“
O OFÍCIO DO
CERAMISTA É
CHEIO DE MANHAS,
E SÓ MESMO
MUITA PRÁTICA
MANUSEANDO
A TERRA, FOGO,
ÁGUA E AR PERMITE
QUE A MAGIA
ACONTEÇA
”

Fortaleza, para onde me mudei em 2002, iniciei minhas próprias experimentações, o que continuo fazendo, pois o trabalho em cerâmica é um eterno experimentar, errar e acertar. Muitas vezes, o ceramista é surpreendido por resultados inesperados, a argila e os esmaltes tem lá seus caprichos”, diz. Logo que passou a integrar o Grupo Criativo Oicos (formado por Cecilia Bichucher, Cláudio Quinderé, Iignes Meneleu Fiuza, Nícia Bormann, Tulio Paracampos, Vera Sampaio e Wilson Neto), a produção em cerâmica passou a ser ainda mais forte. Muito disso, influenciado pelo contato com os

artistas, a troca de experiências e o desafio em conquistar seu lugar como ceramista no grupo. “Tudo isso estimulou não só minha dedicação à cerâmica, mas também, me fez ir além da produção de utilitários, partindo para a criação das assemblages”, revela. Quando questionada sobre suas influências artísticas, Vera é categórica ao dizer que seu olhar permeia todo o universo onde há cerâmica envolvida. “Desde as cerâmicas ancestrais, arqueológicas, indígenas, tribais, até artistas clássicos e contemporâneos. De cada um trago um pouco para meu trabalho”, reflete. Com a experiência, o trabalho da ceramista começou a apresentar alguns diferenciais bastante característicos. Um dos principais é a utilização de técnicas de restauração para agregar

cerâmica e outros materiais, como pedaços de madeira colhidos na praia, fios de metal reciclado e objetos deixados para trás. “Vou combinando e transformando: é um exercício lúdico de imaginação e de memória. No fim, nada é o que parece ser. Procuo um resultado harmônico e inusitado, que seja elegante, divertido e inspirador para quem o olha”, explica. Outro ponto importante do seu trabalho é a não definição de temas. Segundo Vera, suas assemblages vão sendo criadas a partir da observação das formas e materiais de que dispõe no momento. “Embora seja uma técnica relativamente fácil para se aprender, a maioria das pessoas não imagina quão árduo e extenso é esse caminho. O segredo é experimentar, muito, sempre e sem medo! E deixar às vezes que os elementos deem a palavra final”. É esse o conselho de Vera Dessart para os novos artistas que pretendem dar os primeiros passos como ceramista.

“

OS CERAMISTAS JÁ FORAM CHAMADOS DE BRUXOS, POR TRABALHAREM COM OS ELEMENTOS DA NATUREZA

”



SESSILIA ASSEMBLAGE: MADEIRA DE BARCO DE PESCA E CERÂMICA ESMALTADA.

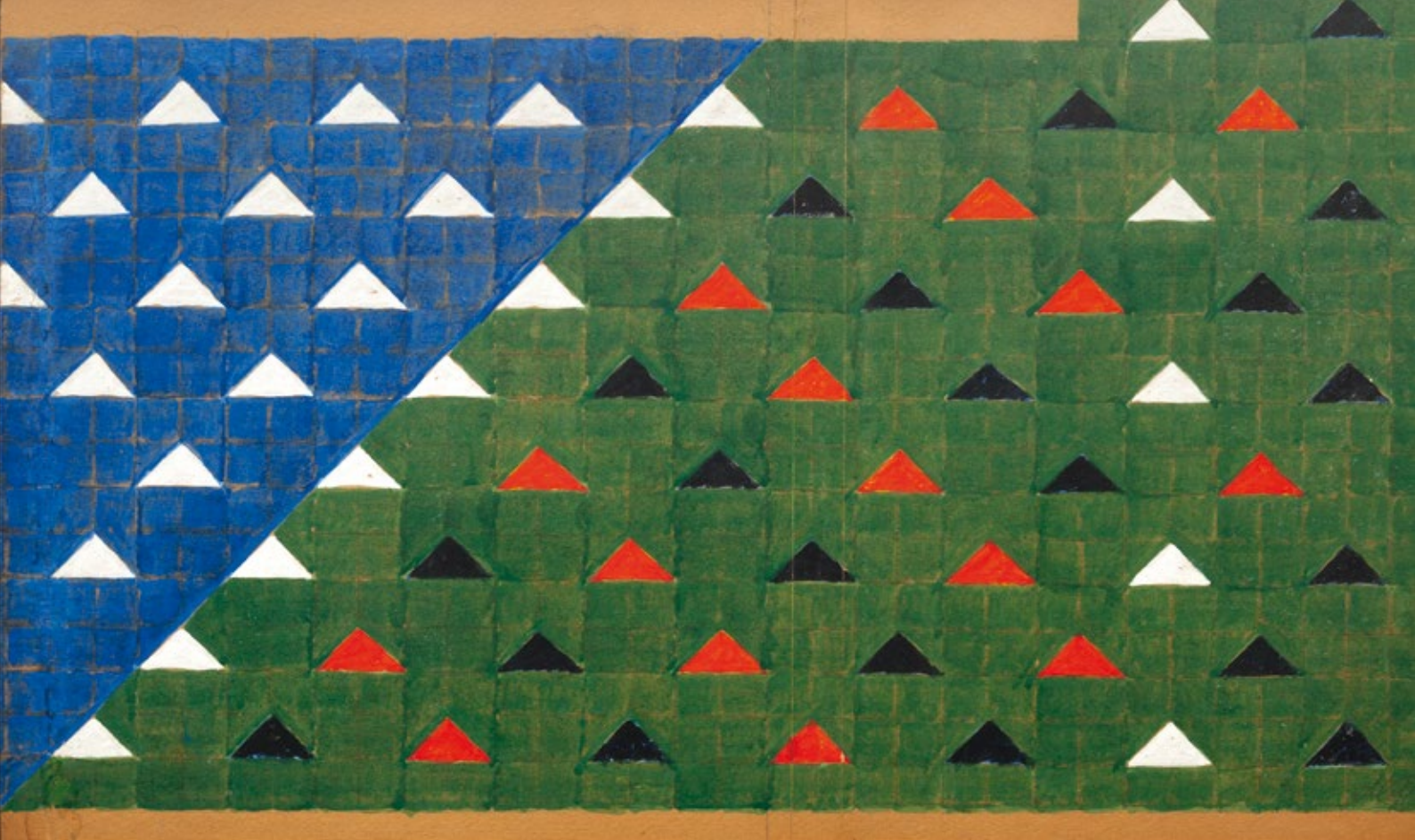
VOLPI

POR DETRÁS DAS BANDEIRINHAS

PEDRO MASTROBUONO



Estudantes e historiadores da arte, no mais das vezes, quando o tema é a importância de Alfredo Volpi, debruçam-se sobre as reflexões de Theon Spanudis, de Olivio Tavares de Araújo ou de Lorenzo Mammi, apenas para citar três expoentes e profundos conhecedores da obra artística do pintor. Tive o privilégio de conhecer Spanudis. Tenho, também, a alegria do convívio com Olivio e Lorenzo. Gratificante é, pois, conhecer o conteúdo das reflexões sobre Volpi. Olhares aguçados e percepções precisas. Sinto-me, em face da difusão de livros e textos críticos de altíssima competência, dispensado de novas digressões adicionais nessa área que, na prática, se limitariam a repetir aquilo já exaustivamente dito. Um pouco mais do mesmo. Como, então, poderia este texto oferecer algo de novo? Pretendo, nesta oportunidade, dividir um pouquinho das memórias que trago comigo a respeito do homem por detrás das bandeirinhas. É de conhecimento público que meu pai foi grande amigo do pintor, por décadas. Por anos a fio, frequentei o ateliê de modo quase



CRÉDITO DA IMAGEM: INSTITUTO VOLPI

“

VOLPI RECEBIA, DE PRESENTE DE SEUS AMIGOS, TORRÕES DE TERRA DE DIVERSAS LOCALIDADES E TONALIDADES. APÓS LAVAR MUITO BEM, MOÍA MANUALMENTE EM UM PILÃO, ATÉ TRANSFORMAR A TERRA EM PÓ COLORIDO, QUASE UM TALCO.

”

religioso. Assim, ainda rapazote, levado pela mão de meu pai, convivi com Ladi Biezus, Domingos Giobbi, Issac Krasilchik, Paulo Kuczynski, Benjamim Steiner, Maria Helena Ortiz, César Luiz Pires de Mello, Hércules Barsotti, Willys de Castro e todos aqueles que se reuniam semanalmente em torno do pintor. E como eram tais encontros? Qual a atmosfera? Como era Volpi com seus amigos mais próximos? Seu ateliê ficava na edícula de sua residência na Rua Gama Cerqueira, no bairro do Cambuci. Após um corredor estreito, chegava-se aos degraus de acesso onde, ainda do lado de fora, se notava uma casinha para pombos e diversos pedacinhos de madeira pintados com os

pigmentos que Volpi preparava, parcialmente envoltos por várias camadas de jornal. Algo que despertava muita curiosidade. Afinal, o que exatamente era aquilo? Volpi recebia, de presente de seus amigos, torrões de terra de diversas localidades e tonalidades. Após lavá-los muito bem, moía-os manualmente em um pilão, até transformar a terra em pó colorido, quase um talco. Os pedacinhos de madeira eram, então, totalmente pintados com esses novos pigmentos. Volpi cobria apenas a metade das ripinhas com jornal, fixando-as na parte externa do ateliê, deixando-as ao relento. Caso, após ter sido exposto ao tempo, o pigmento da parte descoberta apresentasse qualquer diferença

cromática da parte protegida, seria de pronto desprezado pelo pintor. O lado de dentro do ateliê não era menos curioso ou intrigante. Logo após a porta de acesso, do lado esquerdo da sala retangular, havia um singelo armário de madeira, marrom claro e de porta dupla, com uma única gaveta e base alta, bem afastado do chão, sobre o qual ficavam expostas as cabeças que o escultor Bruno Giorgi havia feito, tanto a de terracota quanto aquela de bronze. Lindas, deslumbrantes. Logo após esse armário, no qual Volpi guardava desenhos e estudos, tal qual uma mapoteca, havia uma escada de alvenaria, sem qualquer corrimão, que levava até a lage, onde o pintor gostava de fumar seu cigarrinho de palha, olhando as demais casas do entorno. Quase tudo no interior do ateliê havia sido feito por Volpi (que na infância havia trabalhado em uma marcenaria). Do cavalete de pintura ao banquinho, do arco da serra tico-tico até o cabo do martelo, tudo feito à mão. Na mesma parede ao lado da porta de entrada, um pequeno sofá

“ QUASE TUDO NO INTERIOR DO ATELIÊ HAVIA SIDO FEITO POR VOLPI. DO CAVALETE DE PINTURA AO BANQUINHO. ”



CRÉDITO DA IMAGEM: INSTITUTO VOLPI



CRÉDITO DA IMAGEM: INSTITUTO VOLPI

debaixo da janela por onde a luz natural penetrava. Na parede oposta, deslocado um pouco para a direita, um segundo armário de madeira, bem mais largo, já sem as portas da parte de cima, em que ficavam expostos os potinhos de vidro transparente que continham

os pigmentos. Era, por sua vez, rodeado de pequenas prateleiras de madeira, nada simétricas, nas quais ficavam os demais utensílios. No antigo chão de taquinhos, algumas telas recém-montadas, que o próprio pintor havia confeccionado artesanalmente, da

montagem do chassi à fixação do linho. Na parede, pregos que serviam de suporte para exibir um ou outro quadro acabado. Caso ainda em andamento, as pinturas ficavam no chão mesmo, ou no máximo sobre uma daquelas prateleiras de madeira. Sem qualquer proteção, todas encostadas e apoiadas umas nas outras, com as telas sempre voltadas para a parede. No cantinho da direita da sala, uma pequeníssima pia, sem gabinete, com o sifão aparente. Como decoração do ateliê, alguns quadros pequenos próximos àquela escada sem corrimão, dos quais tenho ainda na retina uma natureza morta horizontal de José Antônio da Silva, mamões sobre um fundo verde, com uma faca fincada na fenda aberta na fruta. Lembro-me, ainda, de uma pequena pintura vertical de Eleonore Koch, que Volpi carinhosamente chamava de Lore, representando um guarda-roupa de madeira sobre um chão quadriculado. Essa parte do ateliê, parcialmente decorado, ficava à esquerda de uma viga/coluna estrutural, pintada de branco, que dividia a grande parede oposta à entrada. Nessa coluna, um pequena e despojada imagem de madeira sem policromia (salvo engano, uma Nossa Senhora da Conceição). Ao lado, uma única mesa encostada, que muitas vezes seria de aparador, bem debaixo do vão da escada sem corrimão.

TUDO MUITO SIMPLES, DESPOJADO.

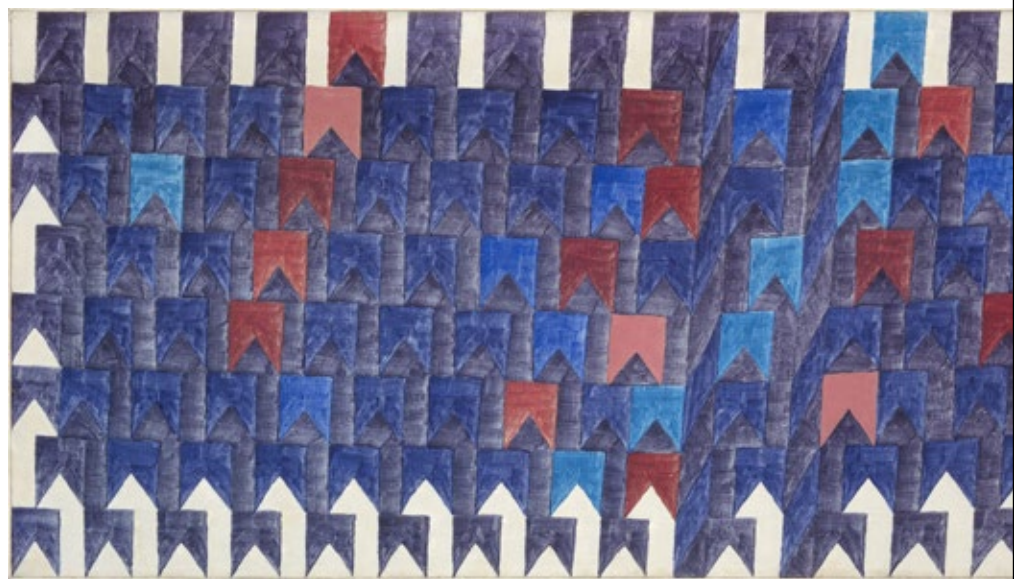
Seu dia a dia dependia da luz, da luminosidade natural. Em dias claros, pintava. No mais das vezes, ficava calado, monossilábico quando muito. Não gostava de ser fotografado pintando, algo que fazia muitas vezes sem camisa. Já nos dias cinza ou de pouca luminosidade, ficava trabalhando na montagem das telas. Fixando-as nos bastidores ou aplicando o preparo de carbonato de cálcio sobre o linho. Esses os momentos em que se mostrava mais comunicativo. Certa vez, pegou-me parado bem debaixo do ventilador de teto, olhando atentamente para as cabeças feitas por Bruno Giorgi. Parou bem ao meu lado e perguntou: “Sabe quem é?”. Respondi: “Claro. É você!”. Ele, então, deu uma gargalhada e disse: “Ainda parece? Que bom!”. Visivelmente gostava da presença dos amigos. Deixava transparecer felicidade.



VOLPI ERA ASSIM. SUA PRESENÇA EMANAVA BONDADE E SINCERIDADE, ÀS VEZES ATÉ DESCONSERTANDO OS PRESENTES.



Ria. Instigava com perguntas pontuais, mas ele mesmo falava muito pouco. Era conciso, quase hermético em suas respostas. Direto, assertivo. Ao mesmo tempo, não ficava parado em um canto, como muitos tímidos fazem. Nada disso. Participava das rodas e nelas transitava com a máxima liberdade, muito à vontade. Dava sinais claros de que estava de fato curtindo aqueles momentos, mas, ao mesmo tempo, falava muito pouco. Importante frisar que, quando falava, gostava de discorrer sobre história da arte, sobre a evolução das tintas e da composição dos pigmentos ao longo do tempo. Falava com propriedade sobre pinturas e pintores, mas jamais sobre ele mesmo. Humildade era sua marca registrada. Difícil acreditar, quando comparado com os egos hipertrofiados de tantos artistas atuais. Mas Volpi era assim, simples, altivo sem ser arrogante, nada de vaidade. Muitos gostam de descrevê-lo como recluso e pouco comunicativo. Ledo engano. Não era assim. Gostava de comer bem, de tomar seu vinho tinto, de estar cercado de amigos sinceros. Só não gostava de futilidades e badalações. Muitas são as histórias e as situações, já exaustivamente narradas, através das quais se revelou puro, simples e bom. Criou cerca de dezenove crianças carentes. Quando comecei a frequentar seu ateliê, criava um menino especial, surdo-mudo, apelidado de Kiko. Volpi era assim. Sua presença emanava bondade e sinceridade, às vezes até desconcertando os presentes. Simples, generoso, bom amigo, altruísta, simpático, sorridente, desapegado, de bem com a vida, assim era Alfredo, o homem por detrás das bandeirinhas. Com esse jeito único, marcou a muitos adultos e crianças que tiveram o privilégio de seu convívio. Legado humano incontestável. Deixando em todos imagens e recordações indeléveis. Inclusive em mim.



CRÉDITO DA IMAGEM: INSTITUTO VOLPI

ÉRICO GONDIM

DESIGNER QUE NÃO SE
PRENDE A RÓTULOS



LUMINÁRIA
CÉLULA EM PALHA
DE CARNAÚBA
E LATÃO

Autodidata, Érico Gondim aprendeu a pintar com tinta a óleo aos treze anos. Aos 15, já estava expondo um quadro feito de papel para o Salão Norman Rockwel, do Ibeu Ceará. Nascido em Fortaleza, perdeu o pai quando tinha apenas quatro anos de idade. No entanto, sua mãe sempre fez de tudo para que ele e os irmãos não deixassem de ter as experiências que tinham quando seu pai existia, fosse em casa, com a família, ou fora dela, envolvendo-os, principalmente, em atividades culturais. “Desde cedo tive interesse pela imagem, o desenhar sempre foi um dos meus passatempos e não se limitava ao papel. Construir imagens com a areia seca sobre a cerâmica do parapeito de casa e construir volumes e castelos com a areia molhada na praia foram, para mim, experiências criativas que me despertaram um olhar transversal”, recorda. De início, seu desejo era cursar Arquitetura e Urbanismo, no entanto, a experiência em um programa de intercâmbio na Inglaterra, em 1996, o levou a ter duas passagens acadêmicas na Wreen School, com aulas de Artes e Design e Tecnologia. “Foi exatamente nesse instante que me apaixonei pelo design e artes visuais”, diz. Logo que retornou ao Brasil, conheceu o curso de Design, do Centro de Design do Ceará, do Instituto Dragão do Mar. “Foi lá que tive uma experiência mais completa



DETALHE CADEIRA IVY - TRANÇADO VOLUMÉTRICO EM FELTRO

“SEMPRE PENSO QUE, COMO DESIGNER, TENHO A RESPONSABILIDADE DE MELHORAR A VISÃO DO QUE É NOSSO”

e focada nos ramos do design. Antes de me formar, já ensaiava uma empresa de design, realizando trabalhos reais com outros colegas”, assevera. Apesar de, na época, o mercado de design no Ceará ser bastante difícil, Érico sempre se mostrou inovador e destemido. “Costumava me arriscar em projetos diversos de identidade visual. Elaborei produtos como a cadeira Canguri, um sanitário especial para uma criança com atrofia muscular espinhal, colete para motoquei-

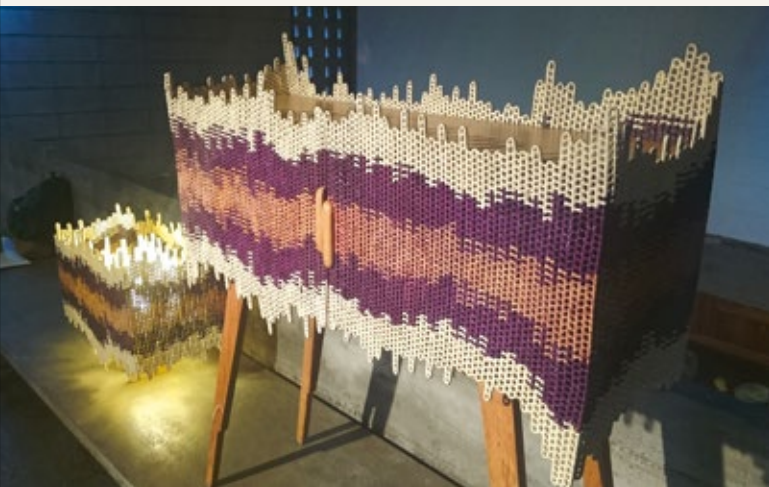
ro, além de projetos gráficos, de embalagem, cenografia de moda e artesanato”, ressalta. Segundo Érico, seu objetivo sempre foi o de ter uma visão ampla das áreas de atuação criativa. “Ainda não satisfeito, fui realizar o curso de Artes nas primeiras turmas do IFCE, uma pós em moda, no Marista, e uma outra, em Design Estratégico, pelo IED”, afirma. Em meados de 2013, por meio de um projeto de mobiliário, sua criatividade foi bastante enaltecida em Londres. “Fui estudar um

MBA na Kingston University of London e meu projeto final chamei de Growing Complexity. Lá, analisava estruturas da natureza e do artesanato, resultando em um projeto de mobiliário, a cadeira de balanço Ivy, feita de um complexo trançado manual em feltro, baseado em uma estrutura artesanal encontrada na cultura brasileira”, explica. O projeto teve uma boa repercussão, o que o levou a ser exposto no London Design Festival, de 2013, e publicado no portal internacional de design

Designboom. Na realidade, os anos passados em Londres foram primordiais, já que chegou a trabalhar em empresas de vitrines, design e visual merchandising. “As experiências me deram uma visão geral de como tudo funciona, do projeto à execução. Isso me ajudou a compreender melhor como eu poderia aplicá-las no meu ofício”, revela. Um dos pontos fortes de seu design é o viés artesanal. E, para ele, a explicação é simples: “Cresci indo a centros de artesanato e sempre me interessou a relação com minha cultura e o fazer manual. Porém, não da forma estereotipada e diminuída como a maioria visualiza, mas de forma rica e poderosa”. Érico afirma que os temas de seus projetos autorais são variados, mas que podem ter uma abordagem tanto comercial como mais conceitual



GRANDES CRIATIVOS VÊM SURGINDO. O ARTESANATO E OS VALORES ANCESTRAIS VÊM SENDO VALORIZADOS ATRAVÉS DO DESIGN



APARADOR E LUMINÁRIA VAIEVEM EM PALHA DE CARNAÚBA E MADEIRA NA EXPOSIÇÃO DESIGN HOUSE, NA DESIGN WEEKEND SP 2016



MESA VIBRA EM MAÇARANDUBA EM INTERAÇÃO COM O AUTOR

e artística. “Sempre procuro ir além do que material, forma e mensagem parecem oferecer a princípio. Estou sempre em busca de algo novo”, conta. Apesar de ser um dos principais nomes no designer de produtos, Érico diz que não gosta de se prender a rótulos. Por essa razão, também se dedica às áreas que permeiam o universo da moda, cenografia, design gráfico e editorial. Atualmente, o designer vem estruturando um novo espaço, com novos parceiros, além de pensar na ramificação de alguns projetos. “Um grande desafio aqui no Ceará é a produção. Então, é algo que requer boas relações e dedicação. Tenho novos projetos para lançar este ano. E confesso: estou ansioso por isso”.

ZÉ TARCÍSIO

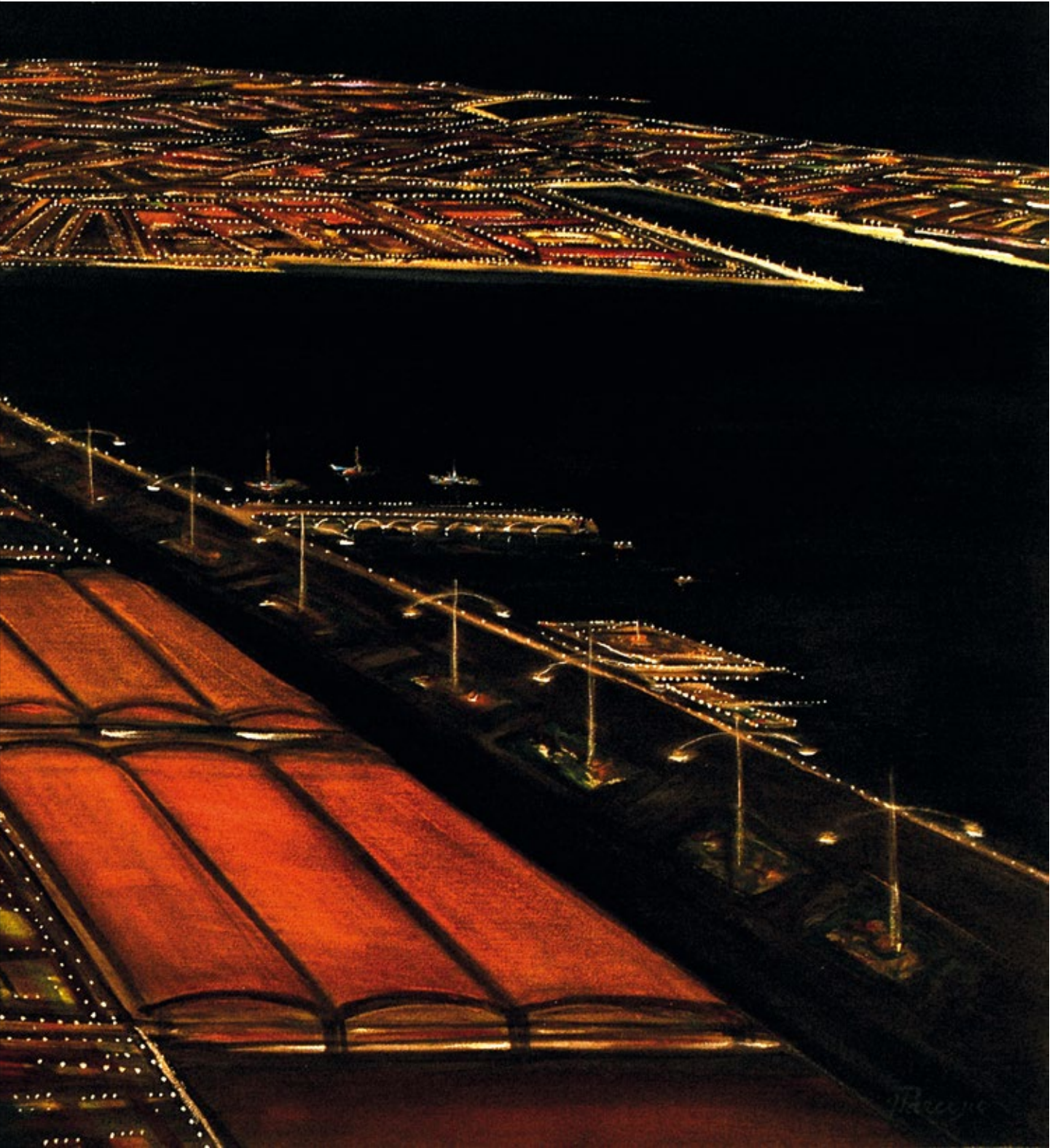
ESPÍRITO LIVRE: ARTE,
REPRESENTAÇÕES
E SIGNIFICADOS

“Acreditar e ser teimoso. E, claro, ser livre sempre”. É exatamente assim que o artista cearense Zé

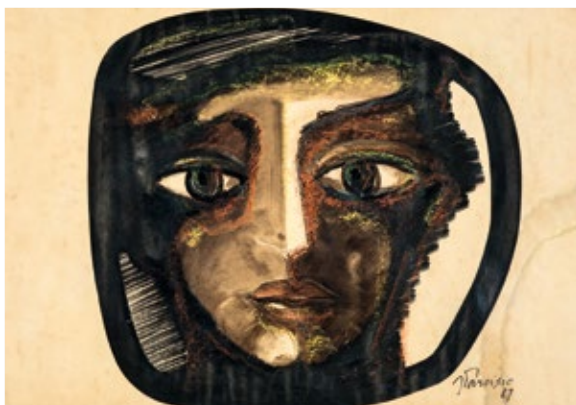
Tarcísio nos responde ao ser questionado sobre qual conselho daria aos jovens que pretendem seguir pelo caminho da arte.

Nascido em Fortaleza no ano de 1941, é dono de uma conversa franca e permeada pela sensibilidade e bom humor. “Da minha infância, além do extremo amor e carinho que existia em nossa família, algo do qual tenho muita lembrança eram os aviões militares sobrevoando a cidade ao fim da Segunda Guerra Mundial”, recorda. O início da relação com a arte aconteceu quando Zé tinha 19 anos de idade. Segundo conta, a busca pelo aprendizado o levou ao artista Zenon Barreto que, na época, mantinha um ateliê no porão do Conservatório de Música Alberto Nepomuceno. “Era um curso de iniciação às artes plásticas. A partir daí, minha busca pelo conhecimento foi aumentando, até que me levou a Antonio Bandeira, que inaugurava uma grande exposição no museu da UFC, em 1961”, diz.





VÔOS RASANTES ACRÍLICA SOBRE TELA / 107 CM x 128 CM / 2004



NATIVO / CUMBE MISTA SOBRE CARTÃO / 72 x 86 CM / 1987



NATIVA / CUMBE MISTA SOBRE CARTÃO / 72 x 86 CM / 1987

A proximidade com Bandeira foi decisiva para a carreira de Zé, afinal, foi ele que, percebendo o enorme potencial do tão jovem artista, lhe deu o seguinte conselho: “Está na hora de procurar uma cidade maior”. E foi dessa forma que Zé decidiu se mudar para o Rio de Janeiro, onde, por dois anos, frequentou o Curso Livre de Pintura, na Escola Nacional de Belas Artes. Zé Tarcísio sempre se considerou um artista livre de rótulos. Conforme assevera, uma de suas mais fortes características sempre foi a experimentação. “No Rio, passei a conviver com outros artistas da minha geração. Meu encontro com Maria Tereza Vieira, que mantinha um ateliê livre na Escola de Belas Artes, me serviu para potencializar essas experiências, e, em

seguida, as orientações repassadas por Inimá de Paula foram fundamentais”, orgulha-se. Ainda em terras cariocas, Zé Tarcísio começou a participar de Salões de Arte, o que proporcionou o início de um currículo. Com o tempo, vieram as premiações e o começo da venda de trabalhos, o que, segundo ele, foram servindo, cada vez mais, de estímulo para continuar. Artista da geração dos anos 1960/1970, conviveu com nomes como Antonio Dias, Carlos Vergara, Cildo Meireles, Roberto Magalhães, Marta Pires Ferreira, Amelia Toledo, Regina Vater e Hélio

“

A LIBERDADE SEMPRE FOI O PUNTO DE PARTIDA PARA O MEU FAZER ARTÍSTICO

”



SÉRIE BLÁ BLÁ BLÁS ACRÍLICA SOBRE CARTÃO / 98 CM x 81 CM / 1966



S.O.S. LITORAL ACRÍLICA SOBRE LINHO / 170 CM x 969 CM / 1979

Oiticica. Na década de 1990, Zé passou uma temporada na Europa e em Cuba. “Eu sou um curioso. Eu havia conhecido e vivenciado o Velho Mundo em 1961, quando viajei para a Europa, onde participei da VII Bienal de Paris, representando o Brasil, comissionado por Walmir Ayala. Quando retornei nos anos 90, já tinha um novo olhar, repleto de objetividade”, afirma. Voltando à capital cearense, onde mora atualmente, Zé Tarcísio foi ganhando notoriedade e se destacando no meio artístico, tornando-se referência no País. Prova disso, foram as diversas premiações conquistadas ao

longo dos anos, entre as quais prêmios do Salão Nacional de Arte Moderna: Isenção de Júri (1972), Viagem ao País (1973) e Viagem ao exterior (1974); Prêmio de Aquisição do Itamaraty, na Bienal Internacional de São Paulo, e a participação na mesma Bienal, em 1979, convidado para a representação brasileira; e o Grande Prêmio do Salão do Desenho Brasileiro de Jundiá (1975). Em 2018, com curadoria de Bitu Cassundé, foi realizada, no Museu de Arte Contemporânea do Ceará, a exposição “Zé: Acervo de Experiências Vitais”. A mostra, abordando 57 anos de uma brilhante trajetória, apresentava mais de 300 trabalhos, entre pinturas, esculturas, fotos, instalações e vídeos, que vieram do acervo do próprio artista. Sempre acompanhando o desenrolar do tempo, Zé ainda tem muito a nos apresentar com sua criatividade e, claro, seu espírito livre e cheio de representações.



LOTEAMENTO NA PAISAGEM CEARENSE ACRÍLICA SOBRE TELA / 107 CM x 128 CM / 1983

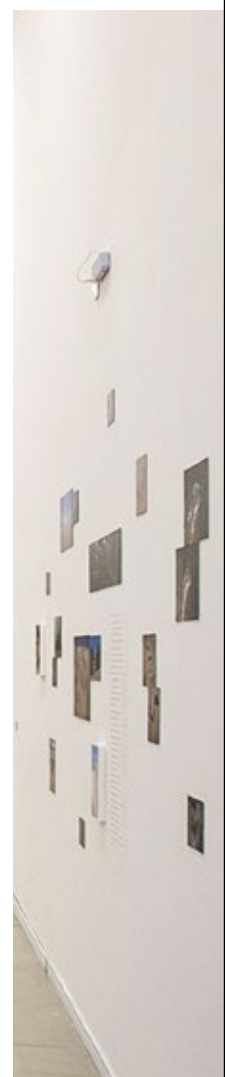
FORTALEZA, SALÃO ABERTO

O SALÃO DE ABRIL CHEGA À 70ª EDIÇÃO COM A PROPOSTA DE OCUPAR DIVERSOS ESPAÇOS DA CAPITAL CEARENSE COM OBRAS E ATIVIDADES FORMATIVAS

FOTO NICOLÁS LEIVA



Um salão de artes descentralizado, com obras expostas e outros seis ateliês integrados a uma programação cultural e de atividades formativas. É com essa proposta que o Salão de Abril segue, de abril a junho, em sua 70ª edição, ao longo de 76 anos de existência. Principal salão de artes do Ceará e um dos principais do Brasil, o evento é uma realização da Prefeitura de Fortaleza, por meio da Secretaria Municipal da Cultura de Fortaleza (Secultfor) e do Instituto Cultural Iracema (ICI). Homenageados especiais, Nice e Estrigas Firmeza oferecem a tônica do tema desta edição, “À Sombra do Baobá”. No ano em que Estrigas completaria 100 anos de idade, a referência à árvore milenar de forte presença nos jardins do Minimuseu Firmeza, morada e ateliê do casal durante décadas, é inevitável. O lugar, cenário da abertura oficial do Salão no dia 27 de abril, é um dos espaços que abrigam as obras selecionadas pela equipe curatorial.



O 70º SALÃO DE ABRIL OCUPA CINCO ESPAÇOS OFICIAIS DE EXPOSIÇÃO. ENTRE ELES, O ESPAÇO CEGÁS DE CULTURA



FOTO THIAGO MATINE

ENTRE PINTURAS, INSTALAÇÕES E PERFORMANCES (FOTO), O MINIMUSEU FIRMEZA FOI PALCO DA CERIMÔNIA DE ABERTURA OFICIAL DA MOSTRA E SEGUE COM VISITAÇÃO ABERTA AO PÚBLICO

“

COM A REALIZAÇÃO DE MAIS UM SALÃO DE ABRIL, A PREFEITURA DE FORTALEZA INVESTE NO FORTALECIMENTO DO CIRCUITO DE ARTES VISUAIS NA CIDADE

”

Além do Minimuseu, são também locais de exposição oficiais a Sem Título Arte, o Centro Cultural Casa do Barão de Camocim, o Espaço CEGÁS de Cultura e o Centro Cultural Belchior, com datas de abertura em 2, 11 e 16 de maio e 5 de junho, respectivamente. “Com a realização de mais um Salão de Abril, a Prefeitura de Fortaleza investe no fortalecimento do circuito de artes visuais da cidade, ampliando o relacionamento com galerias e ateliês de artistas, tornando mais acessíveis manifestações culturais e fomentando a ocupação democrática dos espaços públicos de forma descentralizada”, explica o secretário da Cultura de Fortaleza, Gilvan Paiva. “Realizar a 70ª edição nesse formato, a partir do reencontro com o Minimuseu Firmeza, expressa bem o caráter histórico, simbólico e de experimentação do Salão. Trata-se de uma política que reafirma também a valorização do patrimônio material e imaterial da cidade, permitindo uma integração ainda maior entre a arte, a cultura e a memória de nossa Cidade”, complementa o secretário. Expandindo o percurso oficial de exposições, o Salão de Abril ainda percorre ateliês e galerias. O objetivo é criar um circuito com espaços de visitação durante o período da mostra e fomentar a divulgação

das iniciativas no âmbito da arte em Fortaleza. Para Davi Gomes, presidente do Instituto Cultural Iracema (ICI), a novidade é “o aspecto que mantém o salão alinhado com outras grandes mostras do mundo”. “Mais do que um local somente, a cidade inteira se torna espaço de exposição, em um circuito plural, diverso e descentralizado”,

desenvolve Davi. Ao longo do mês de junho, artistas como Roberto e Lúcia Galvão, Hélio e Efímia Rola, Acidum Project, Sérgio Pinheiro, Sérgio Lima e Carlos Macêdo abrem as portas de seus espaços de trabalho para compartilhar produções e processos criativos com artistas e visitantes. Para a escolha das obras da mostra, o time cura-

torial, formado pelos profissionais Jacqueline Medeiros, Solon Ribeiro e Herbert Rolim, com consultoria de Carlos Macêdo, avaliaram os projetos inscritos em duas etapas. “A seleção foi uma escuta da produção artística local. A curadoria não partiu de temas pré-determinados, mas a partir do que propunham as obras”, explica Jacqueline.

FOTO THIAGO MATINE



O PROCESSO SELETIVO CONTEMPLA 605 OBRAS INSCRITAS POR 383 ARTISTAS. APÓS DUAS ETAPAS DE SELEÇÃO, 30 ARTISTAS FORAM SELECIONADOS E PREMIADOS

“

ADESÃO DE ARTISTAS DE TODO O ESTADO, COM POTENTE PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA EM DIVERSOS MUNICÍPIOS DO INTERIOR

”

Na primeira etapa, foram selecionadas até o triplo de vagas da exposição; na segunda, chegou-se à escolha definitiva. O processo seletivo contemplou, ao todo, 605 obras inscritas por 383 artistas. “É válido destacar a adesão de artistas de todo o Estado, com potente produção contemporânea em diversos municípios do interior”, afirma a curadora.

PROGRAMAÇÃO FORMATIVA

Novidade no Salão de Abril realizado em 2018, as ações formativas, compostas por palestras e debates abertos ao público, ganham continuidade nesta 70ª edição. Ao longo dos dois meses da mostra, atividades variadas propõem interlocução entre público e obras, com especial foco na formação de novos artistas. O programa arte-educativo permite formar um pensamento qualificado que ajuda a compreender o Salão de Abril à luz de experiências históricas e abordagens conceituais, aproximando-as dos tons artístico, cultural e social da

atualidade. Com a mediação da curadora Jacqueline Medeiros, as palestras que compõem a programação do tema “O Bordado na Arte Contemporânea” tratam do lugar desse ofício na arte contemporânea, dos processos de criação, da consciência dos modos de produção, da parceria arte e artesanato e economia afetiva. Com programação que se estende dos dias 11 de maio a 6 de junho, são convidados a palestrar o artista visual Efrain Almeida, a designer e pesquisadora Valeska Zuim, e o jornalista e consultor de moda Jackson Araujo. No dia 23 de maio, às 19h, o curador Herbert Rolim conduz as atividades que

debatem sobre a “Inserção da Arte Cearense no Circuito Local e Nacional”, na Sem Título Arte. Problematicando o papel do colecionador, da instituição e do galerista no circuito da arte, bem como a atuação do artista e sua inserção no mercado de arte, a programação conta com as falas do pesquisador Guilherme Marcondes, do colecionador Sérgio Carvalho e do galerista Victor Perlingeiro. A lista de obras e artistas contemplados no 70º Salão de Abril bem como a programação completa de ações formativas podem ser conferidas nos sites: salaodeabril.com.br cultura.fortaleza.ce.gov.br

FOTO THIAGO MATINE



PRINCIPAL SALÃO DE ARTES DO CEARÁ E UM DOS PRINCIPAIS DO BRASIL, O SALÃO DE ABRIL É UMA REALIZAÇÃO DA PREFEITURA DE FORTALEZA

BIENAL DE VENEZA

O FAZER ARTÍSTICO VISTO DE FORMA GLOBAL



TERESA MARGOLLES, LA BÚSQUEDA, 2014. INSTALAÇÃO COM SONS DE BAIXA FREQUÊNCIA SOBRE TRÊS PAINÉIS DE VIDRO TRANSPORTADOS DO CENTRO HISTÓRICO DE CIUDAD JUÁREZ, MÉXICO

A edição número 58 da Bienal de Veneza, que abriu as portas em maio de 2019, é organizada pelo curador Ralph Rugoff - diretor da Hayward Gallery de Londres. Intitulada *May You Live In Interesting Times* (Que vivas em tempos interessantes, em tradução livre do autor), a máxima pode ser interpretada como uma espécie de praga, evocando a ideia de tempos de incerteza ou até ameaçadores. Em um momento onde fake news andam corroendo discursos e a nossa confiança, os 79 artistas selecionados oferecem múltiplas visões para reimaginar as possibilidades do que seriam estes “tempos interessantes”



PINTURA E COLAGEM DE NJIDEKA AKUNYILI CROSBY NO PAVILHÃO DO GIARDINI.

“

OS 79 ARTISTAS SELECIONADOS OFERECEM MÚLTIPLAS VISÕES PARA REIMAGINAR AS POSSIBILIDADES DO QUE SERIAM ESTES ‘TEMPOS INTERESSANTES’ EM QUE VIVEMOS HOJE.

”

em que vivemos hoje. Isso não significa que a Bienal tenha um tema propriamente dito, mas uma abordagem global do fazer artístico e os seus desdobramentos sociais e críticos e, acima de tudo, a experiência que leva o visitante a expandir sua perspectiva de mundo. Apesar de se tratar de uma Bienal bem americana (um terço dos artistas vivem ou trabalham nos Estados Unidos), há uma forte presença de artistas negros, e, pela primeira vez na história do evento, o número de artistas mulheres convidadas equipara-se ao de homens. É uma exposição gigantesca, espalhada em dois grandes e históricos locais, como Giardini, o grande e verdejante parque público da cidade, e o Arsenale, os antigos estaleiros do séc. XII da indústria naval veneziana. Para além da



CHRISTOPH BÜCHEL, BARCA NOSTRA, 2018-2019. DESTROÇOS DO NAUFRÁGIO DE 18 DE ABRIL DE 2015. 2250 X 710 X 860 CM.

mostra principal há também os pavilhões e participações nacionais, que conferem ao evento um certo ar datado e modernista de “olimpíadas da arte”, que este ano conta com 87 países espalhados nos pavilhões do Giardini, espaços do Arsenale e em várias localidades na cidade de Veneza. A experiência de navegar e ver essa quantidade de arte em questão de algumas horas pode ser caótica e sobrepajante. Através da multidão de visitantes, vemos de tudo: instalações gigantes e imersivas, pinturas, esculturas, paredes cobertas por fotografias e

uma quantidade enorme de vídeos. Há alguns nomes conhecidos, mas também muitas descobertas e surpresas pelo caminho. Aqui faço um recorte pessoal daquilo que me chamou a atenção. Barca Nostra, peça emblemática e controversa, que, de certa forma, dita o tom da mostra este ano, não é uma obra de arte, mas um barco de pesca resgatado do mais mortífero naufrágio da história recente envolvendo imigrantes líbios no canal da Sicília – uma parceria entre o artista suíço Christoph Büchel e o governo siciliano. O fúnebre barco está posicionado sem nenhuma sinalização, mesclando-se perfeitamente ao cenário naval do Arsenale. Visitantes aproveitam o terraço do bar ao lado para tomar seu spritz com vista para o monumento, o que torna tudo ainda mais absurdo. Uma das obras que mais atraíram curiosos foi a da dupla chinesa Sun Yuan e Peng Yu (Can't Help Myself, 2016). A instalação conta com um braço robótico munido de um rodo na sua extremidade, posicionado no centro de um cubo hermético com paredes transparentes. O robô assegura que todo o líquido viscoso (semelhante a sangue) que escorre pelo chão da “jaula” permaneça em seu lugar, em movimentos repetitivos e incansáveis. Parece que estamos a observar uma fera no zoológico. Numa evocação de nossos instintos animais, nossa ganância e medo, a obra suscita questionamentos sobre comportamento impulsivo/compulsivo, assim como sobre nossas vulnerabilidades, nos limiares entre o orgânico e o mecânico. A nigeriana Njideka Akunyili Crosby

encantou com a beleza de suas pinturas e colagens cheias de memórias pessoais e referências estéticas de construção de uma identidade nacional em atrito com sua diáspora pelo mundo. Assim, ela fabrica lugares híbridos e indeterminados, esticando os limites de pertencimento a fronteiras nacionais e culturais. A mostra principal não contou com a representação de nenhum artista brasileiro, em compensação, dos somente cinco nomes latino-americanos presentes, me chamou atenção o trabalho do mexicano Gabriel Rico (Fauna II, 2018), cujas elegantes, porém estranhas, assemblages coletam diferentes tipos de objetos, taxidermia, fragmentos de madeira, pedra e produtos industriais para construir uma sintaxe das relações



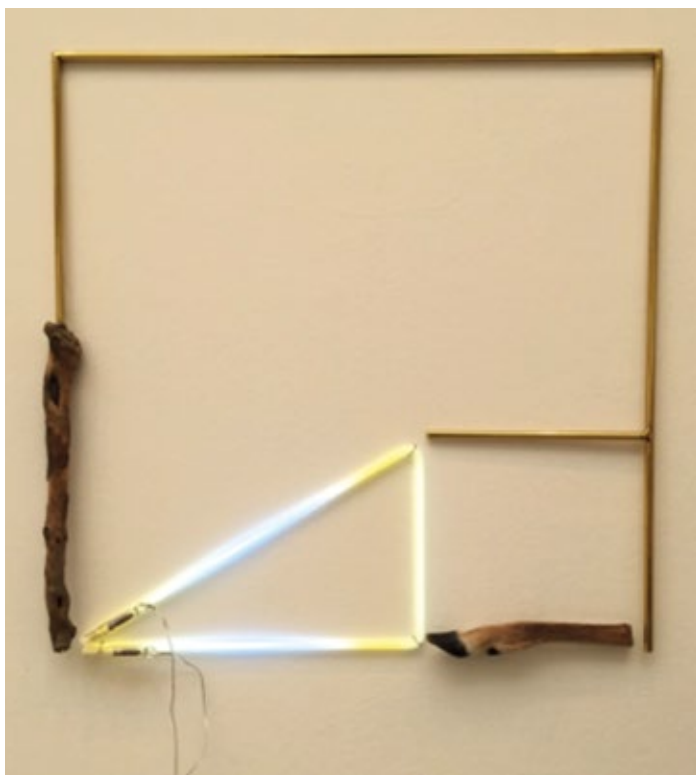
SUN YUAN & PENG YU, CAN'T HELP MYSELF, 2016. ROBÔ INDUSTRIAL, AÇO INOX E BORRACHA, LÍQUIDO COLORIDO, SENSORES VISUAIS, PAREDE DE ACRÍLICO E ALUMÍNIO. 710 X 710 X 500 CM

“

A MOSTRA PRINCIPAL NÃO CONTOU COM A REPRESENTAÇÃO DE NENHUM ARTISTA BRASILEIRO, EM COMPENSAÇÃO, DOS SOMENTE CINCO NOMES LATINO-AMERICANOS PRESENTES, ME CHAMOU ATENÇÃO O TRABALHO DO MEXICANO GABRIEL RICO

”

entre homem, o meio ambiente e o futuro da civilização. O pavilhão do Brasil abriga o projeto de Bárbara Wagner e Benjamin de Burca (Swinguerra, 2019), que foi positivamente recebido pelo público e crítica internacional. A instalação gira em torno do vídeo que é um misto de documentário, vídeo-clip e construção ficcional de dançarinos do ritmo swingueira da periferia de Recife. Com uma estética pop e ritmo vibrante, o vídeo capta a atenção do público, mostrando uma faceta da cultura contemporânea brasileira pouco conhecida. É um belo respiro no meio de tanta densidade intelectual na Bienal. As coreografias e letras típicas do ritmo, de forte conotação pornográfica, causaram as mais diversas reações. O trabalho foi idealizado pelos artistas de maneira horizontal, junto com os dançarinos, respeitando os seus desejos de autorrepresentatividade. Em um momento de significativas tensões políticas e sociais no Brasil, a presença e empoderamento desses corpos – em sua maioria negros e queer – serve como exemplo de orgulho e resistência. O pavilhão da Lituânia levou o Leão de Ouro,



GABRIEL RICO, FAUNA II, LATÃO POLIDO, TUBOS DE NEON, GALHO E TAXIDERMIA

“

APESAR DE SE TRATAR DE UMA BIENAL BEM AMERICANA, HÁ UMA FORTE PRESENÇA DE ARTISTAS NEGROS, E, PELA PRIMEIRA VEZ NA HISTÓRIA DO EVENTO, O NÚMERO DE ARTISTAS MULHERES CONVIDADAS EQUIPARA-SE AO DE HOMENS.

”

o prêmio máximo dentre as participações nacionais, com a ópera-performance Sun & Sea (Marina). Encenada em uma praia artificial, banhistas relaxados e preguiçosos cantam seus pensamentos de narrativas banais que gradualmente se desenvolvem para as ansiedades dos efeitos de mudança climática no mundo em relação com o próprio momento de lazer deles. É como uma música pop no derradeiro dia de existência da Terra, coloca a curadora Lucia Pietroiusti. A obra trata de um tema recorrente da arte sem se tornar um panfleto. Ao invés de chamar para a ação, ela toma o viés oposto e constrói uma ode à nossa indiferença e/ou impotência diante da crise ambiental, apesar da nossa percepção e conhecimento. Caminhar pela Bienal é vivenciar a sensação de mal-estar generalizado do mundo. É preciso sangue frio para sair imune e indiferente da experiência que é Veneza. A mostra segue até o dia 24 de novembro de 2019.

Aldonso Palácio

Galerista, expert em comercialização e difusão de obras de arte pela IESA Paris, atualmente residindo em Berlim



POMPEU VASCONCELOS
INFLUENCER / CEO BALADA IN

QUAL A TUA OBRA?

MEU ENCONTRO COM
MONA LISA NO LOUVRE E
A METÁFORA DO SIGNIFICADO

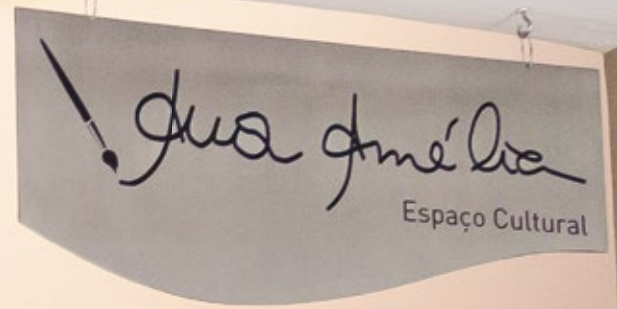
Recebo o convite para assinar o editorial da Revista Arte. Faço-o, com todo o prazer, pois trata-se de um projeto singular, que transita em várias frentes, mas sobretudo

aposta na formação de novos apreciadores da arte. Logo que comecei a pensar no que escrever, nada me vinha tão forte à memória quanto a lembrança de chegar ao Museu do Louvre e encontrar a Gioconda, a Mona Lisa, pintada por Leonardo da Vinci no Século XVI. As recordações me remeteram àquele dia distante, quando a vi pela primeira vez no centro daquele corredor, rodeada de turistas, amantes das artes e estudantes, muitos tentando retratá-la. Trata-se de uma obra universal, singularmente contida em meros 77 cm x 53 cm, tinta sobre madeira. A tela nos oferece uma metáfora bastante oportuna: não importa o tamanho da obra, de fato o que a torna relevante é sua consistência, seu significado e seu diálogo com a vida. Mona Lisa permanece gigante em minha memória. Ela, seja qual for o ângulo a ser contemplado, nos devolve outro olhar, vivo e cheio de representações. Não consigo explicar ao certo o porquê de pensar no Louvre ou mesmo na Mona Lisa, apenas sei que senti. Penso que, muitas vezes, a arte nos escolhe. Era abril quando deixei o museu francês totalmente maravilhado. Hoje, memória distante, mas ainda presente. Uma pergunta me acompanhou e continua a acompanhar sempre: qual é a tua obra? Qual o tamanho da obra? Parabéns à Revista Arte, que sua jornada seja cada vez mais longa e inspiradora.

“

NÃO IMPORTA
O TAMANHO DA
OBRA, DE FATO,
O QUE A TORNA
RELEVANTE É SUA
CONSISTÊNCIA,
SEU SIGNIFICADO
E SEU DIÁLOGO
COM A VIDA

”



Hotel Sonata

Uma obra-prima da Praia de Iracema



Av. Beira Mar, 848
Praia de Iracema - Fortaleza/Ce - Brasil
www.hotelsonata.com.br

Reservas: +55 (85) 4006.1616
Fone: +55 (85) 4006.1600



A ARTE DE
CONTAR A
HISTÓRIA
DO BRASIL

VISITE A EXPOSIÇÃO

DA TERRA BRASILIS À ALDEIA GLOBAL

COLEÇÃO FUNDAÇÃO
EDSON QUEIROZ
UNIFOR – 45 ANOS

ESPAÇO CULTURAL UNIFOR
ENTRADA GRATUITA

ATÉ 28 DE JULHO DE 2019
TERÇA A SEXTA,
9H ÀS 19H
SÁBADOS E DOMINGOS,
10H ÀS 18H
WWW.UNIFOR.BR



Apoio



minha

Realização



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE POTIGUARA



UNIFOR

MINISTÉRIO DA
CULTURA

